

FUNDADO POR EDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949
Correio
das **Artes**

Fevereiro/2012 - ANO LXII Nº 12

Bruno Gaudêncio

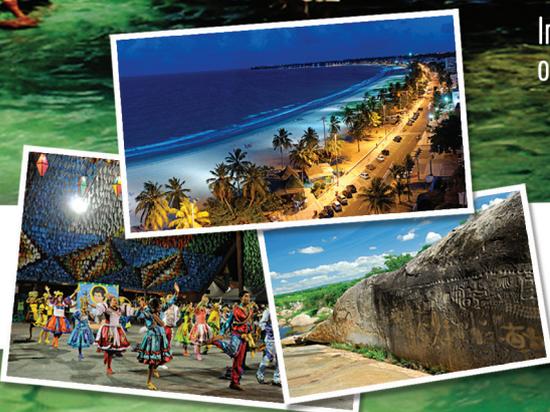
(En)canto de pássaro lírico
na Serra da Borborema

"Eu amo a minha terra. Aqui as praias são lindas,
as águas são mornas e tem sol o ano inteiro"
Pronto. Não existe propaganda turística melhor do que essa.



PICÃOZINHO, JOÃO PESSOA - PB

Imagine morar em um lugar onde as pessoas passam férias. Nem precisa imaginar, basta olhar ao redor, dar um passeio e aproveitar cada pedaço da nossa terra. Mas também não se esqueça de dizer para quem mora longe que isso aqui é um pedaço do paraíso. Turismo gera riqueza, empregos e movimenta a economia. A Paraíba agradece.



Ministério do
Turismo

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Paraíba
multo mais que sol e mar



GOVERNO
DA PARAÍBA

Agora é a vez de ir mais longe

Um jovem cavaleiro

O jornalista e escritor Bruno Gaudêncio é um daqueles obstinados a quem a literatura (no mais amplo sentido da palavra) deve muito. Acima de tudo pela condição de leitor assíduo e atento; daquela estirpe que não abandona sala de biblioteca ou deixa vazios mesa de livraria ou corredor de sebo.

Nosso intrépido herói conhece cada recanto das bibliotecas de Campina Grande, cidade onde mora, estuda e trabalha. Tanto, que usuários o procuram, sempre, para saber onde está tal título, tomando-o por um dos funcionários, em função de sua familiaridade com esses equipamentos.

Bruno faz tudo na vida tendo como norte a literatura. Formou-se em Jornalismo pensando nela e, não satisfeito, fez História. Leu (e lê) muito, mas sentiu – e não foi coi-

O sol da paixão literária queima no sangue do escritor e “produtor literário” Bruno Gaudêncio

sa recente – que a literatura pulsava forte em suas veias, exigindo muito mais que olhos para as palavras; queria suas mãos, sua mente, seu coração.

E Bruno não se fez de rogado. Em 2009, estreou em livro com *O Ofício de Engordar as Sombras* (poesias) e, no ano passado, juntou-se à nova geração de ficcionistas com o lançamento de *Cân-*

tico Voraz do Precipício, no qual reuniu contos centrados nas trágicas experiências da morte.

Da inquietude de Bruno nascem projetos arrojados e necessários, vez que ajudam não só a tornar visível uma produção literária contemporânea, como também a refletir sobre esta mesma produção, a exemplo da revista eletrônica *Blecaute* e dos encontros literários já realizados.

Em reconhecimento ao seu trabalho como escritor e “produtor literário”, o *Correio das Artes* dedica a Bruno a matéria de capa de sua edição de fevereiro, na consciência de que todo esforço em prol da literatura é válido, notadamente quando exercido com o sangue pulsante dos apaixonados.

O Editor

índice

 10	 26	 30	 32
CRÔNICA	ENSAIO	ROMANCE	CONTO
A professora Ângela Bezerra de Castro analisa o livro de crônicas <i>Bazar dos Sonhos</i> , recentemente lançado pelo arquiteto Germano Romero.	“Quando o regional simboliza o universal” é o tema do texto gentilmente cedido ao <i>Correio das Artes</i> pelo escritor Antônio Torres.	Ronaldo Cagiano resenha <i>Vasto Mundo</i> , de Alaor Barbosa, “que alia o primor narrativo a uma visão drummond-bandeiriana do mundo”.	“Da enxada ao computador” é o título do conto assinado pelo advogado e escritor Fernando Antônio de Vasconcelos.



Suplemento mensal do jornal **A UNIÃO**, não pode ser vendido separadamente

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial -
João Pessoa - PB
PABX: (0xx83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6511/3218-6512
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Nonato Bandeira

Superintendente
Severino Ramalho Leite

Diretor Administrativo
José Arthur Viana Teixeira

Diretora Técnica
Beth Torres

Diretora de Operações
Albiege Fernandes

Editora Geral
Beth Torres

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Ilustração
Tônio

Foto da Capa
Marcos Russo

Revisão
Antônio Moraes

Bruno

Gaudêncio,

A errante e solitária paixão de manejar palavras

Vanessa Furtado

Bruno Gaudêncio é um jovem poeta, historiador, contista, ensaísta e jornalista. Aos 26 anos, arrisca-se nas mais diversas experimentações, seguindo firme as pegadas dos mestres como o dramaturgo e contista paulista Alfredo Mesquita, de cujas palavras se apropria para dar início a apresentação de seu novo livro, *Cântico Voraz do Precipício*. “Nunca escrevi, nem nunca soube escrever. Mas justiça me seja feita, sempre tive ganas, e grandes, de manejar o estilo”, afirmam.

É exatamente este apetite em administrar as palavras, que tem levado Bruno Gaudêncio a desbravar caminhos, e a criar sua própria identidade. Observando-o falar de forma tão simples, mas com tanto conhecimento e propriedade sobre a vida e obra de escritores locais e nacionais, é de se imaginar que tenha crescido em meio a eles. Engano! O jovem poeta conta que sua relação com a literatura ocorreu de forma tardia, após os 15 anos, enquanto cursava o ensino médio em Campina Grande (PB).

“Assim como o autor de *A Rosa do Povo* (Carlos Drummond de Andra-

de), não tive a sorte de possuir entre as referências diárias algum orientador para as minhas primeiras leituras pueris ou adolescentes. Enquanto leitor me constituí ao longo dos anos, sozinho e irregularmente, entre livros emprestados de bibliotecas públicas e exemplares cedidos de amigos e parentes. Sempre errante em minha solidão...”, contou.

A paixão pelas bibliotecas

Apaixonado por bibliotecas, Bruno Gaudêncio passa boa parte de seu tempo na companhia dos livros. Conhece como ninguém os acervos das bibliotecas de Campina Grande, a exemplo da Biblioteca Municipal, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Serviço Social do Comércio (Sesc). “Eu passo tanto tempo lá, que os funcionários me conhecem pelo nome e comumente me pedem para auxiliar algum visitante na busca por obras, afinal eu conheço tudo lá”, revelou. O extremo encantamento que nutre pela palavra escrita, pela palavra impressa no papel, o tem levado a investir na criação de seu próprio espaço, em seu acervo pessoal. ▶

► As experiências com a escrita vieram em 2003, quando, aos 17 anos de idade, Bruno passou a ter um contato mais denso com a literatura. “Foi nesses ambientes de leitura que ampliei minha visão sobre a literatura, pois comecei a ler de tudo, ensaios, poemas, contos, romances, biografias, perfis, entre outros gêneros, de uma maneira quase fulminante, desordeira, irregular. Lia quase tudo que me chegava às mãos. Sempre fui meio caótico em minhas leituras. Foi lá que conheci parte da obra de Dostoievsky, Carlos Drummond de Andrade, Raduan Nassar, Manoel de Barros, Baudelaire, Rubem Alves, Augusto dos Anjos, Albert Camus, Hemingway, entre outros... Autores que me marcaram e continuam a me marcar”, declarou.

Sonho de palavras

Formado em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Bruno sonhava em trabalhar com a palavra, em dedicar-se ao jornalismo cultural, enveredando pelo mundo que tanto o fascinava. Imaginava-se contando as histórias de artistas paraibanos, muitos desconhecidos, mas que tinham bastante ensinamento a compartilhar. No entanto, essas portas nunca lhes foram abertas. “Quando enveredei pelo jornalismo, acreditava que lá eu poderia me constituir integralmente como um ‘formador de opiniões’ consistente e ter um contato mais direto e apurado com os produtores estéticos e literários, ledo engano”, narrou.

A literatura, no entanto, insistiu em acompanhá-lo no novo desafio que ele se propôs: a graduação em História. “Por incrível que pareça, durante este segundo curso foi que descobri o que realmente me faz bem. O jornalismo é sempre um sonho, mas na história tenho a possibilidade de deleitar-me com as coisas do passado, amadurecer no conhecimento sobre a trajetória de autores que tanto admiro”, explicou.

Nasce o escritor

Pode um escritor detestar gramática? Tornar-se avesso a regras e predeterminações quanto à es-



No ambiente das bibliotecas Bruno ampliou sua visão sobre a literatura

Em seu novo livro, *Cântico Voraz do Precipício*, Bruno reúne um conjunto de personagens que perpassam experiências trágicas de morte.

crita? Bruno Gaudêncio é a prova que sim. “A língua Portuguesa é muito rica, mas confesso que o estudo da gramática, das regras, não me simpatiza. Domino um pouco esse meio, afinal não é tolerável que alguém disposto a escrever abandone essas normas, mas não me ateno a elas, nem às suas formas e muito menos aos seus conteúdos. Sou poeta, um libertário dessas amarras”, explicou.

Em seu primeiro livro, *O Ofício de Engordar as Sombras* (Sal da Terra, 2009), Bruno impregna-se de cadências, no seu gênero preferido: a poesia. Sobre ele, assinala o poeta José Inácio Vieira de Melo: “Os versos deste poeta da Paraíba do Norte são pássaros líricos que insistem em voar na paisagem inóspita da contemporaneidade, tão impregnada de ritmos que desconsideram, desprezam mesmo, a condição humana.”

Ancorado em seu tema favorito: a morte, o poeta entrega-se a sua própria consciência, ao seu planejamento pessoal e permite-se trabalhar de forma visível com uma composição na qual a sociedade busca com tanto afinco “invisibilizar”. São poesias envolventes, livres, algumas curtas, outras nem tanto, mas em todas o mistério se acentua de forma multifacetada e inebriante.

“Metáfora da finitude”

Em seu mais novo livro, *Cântico Voraz do Precipício*, Bruno reúne um conjunto de personagens que perpassam experiências trágicas de morte, em uma série de contos. Com toda simplicidade que carrega em si, o autor procura transcorrer a “metáfora da finitude” ao tocar invariavelmente no absurdo com relatos de significativa poesia.

O autor esclarece que o livro é dividido em duas sessões: Inspirações à Beira da Morte e Linguagem nas Sombras da Morte, somando assim oito escritos produzidos entre os anos de 2006 e 2010. “As histórias ali contidas tratam de experiências trágicas, exóticas, traumáticas, tendo como fio condutor a temática universal da morte”, disse.

A primeira sessão traz seis con- ►



Bruno é criador e coeditor da revista eletrônica *Blecaute*, publicada desde 2008

tos – ‘Aquele estranha noite’, ‘O lavador de cadáveres’, ‘A última lágrima da carpideira’, ‘Casa das horas’, ‘Má lembrança’ e ‘Corpo da solidão’ – produzidos com a preocupação iminente com a narrativa, ou seja, com o desenvolvimento dos enredos e dos personagens. A segunda sessão traz apenas dois contos – *Quando eu estava a cavalo sobre mim mesmo e Cântico Voraz do Precipício* – nos quais é perceptível o enfoque menor no enredo e maior na prática de observar e sondar o pensamento dos personagens.

Revista e Núcleo Blecaute

Bruno Gaudêncio é criador e coeditor da revista *Blecaute*. Publicada desde 2008, a *Blecaute* é uma revista eletrônica, de literatura e artes, divulgada trimestralmente a partir da cidade de Campina Grande. Desenvolvida no formato PDF (à semelhança de um e-book), em suas cerca de 70 páginas são publicados contos, poemas, ensaios, tirinhas, resenhas e dicas de leitura, de escritores dos mais diferentes gêneros, estados, países, mesclando, desta forma, nomes já consolidados ou reconhecidos no campo literário brasileiro, com jovens ainda no processo inicial de produção literária.

“A revista *Blecaute* foi criada por mim em novembro de 2008. Na época eu era estudante de jornalismo na UEPB e sonhava em edi-

tar uma revista literária aqui na Paraíba. Eu já havia participando de algumas experiências, como nos jornais *A Margem* e no *Fancine*, os dois ligados ao curso de Comunicação, mas nenhuma delas dava um enfoque especial à literatura. Eram experiências editoriais ligadas ao cinema paraibano. Na época fiz algumas pesquisas sobre revistas literárias publicadas aqui no estado, no Brasil e em Portugal. Desta forma, tive um contato com a *Garatuja*, o *Correio das Artes*, a *Orpheu* e tantas outras revistas que serviram de inspiração para o perfil editorial da *Blecaute*. A ideia desde o início foi produzir uma revista que valorizasse os textos, a leitura do conteúdo das narrativas e poemas. Só recentemente nos preocupamos mais com a parte visual”, explicou.

Origem do título

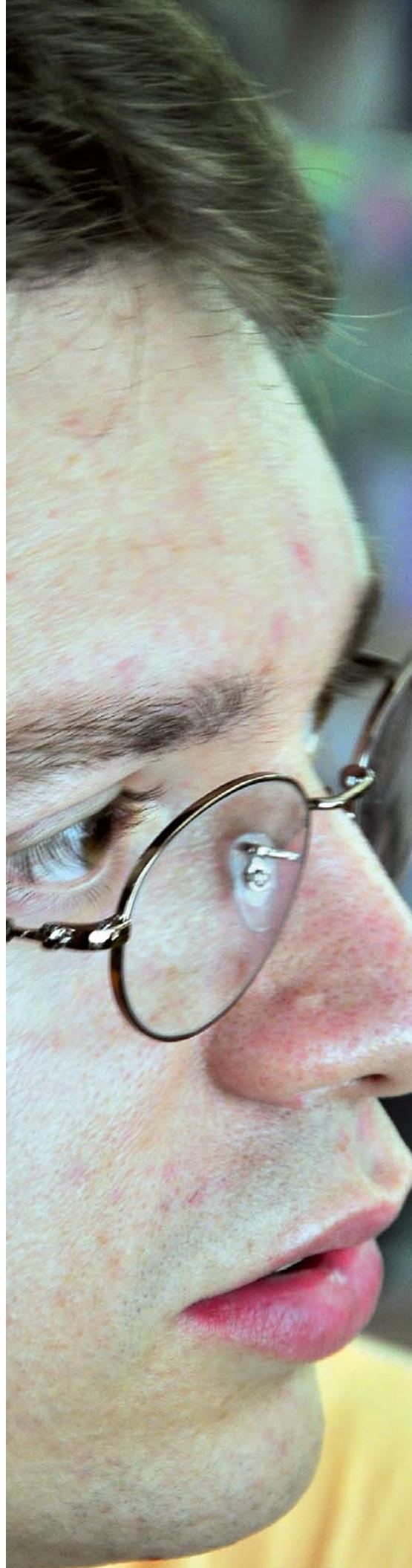
Questionado sobre a escolha do nome *Blecaute*, Bruno esclareceu que vários foram os motivos que culminaram nesta opção. “Sempre achei muito forte a expressão, impactante, única, e acreditei no fator do inusitado do nome. Um

ano antes, em 2007, eu havia lido um livro que havia me impressionado bastante, chamado *Blecaute*, do escritor Marcelo Rubens Paiva. Assim, foi uma forma também de homenageá-lo. Mas de maneira geral o fundamento que o nome traz referiria a uma atmosfera meio apagada da literatura em Campina Grande. Senti que não vivíamos um momento iluminado, ao contrário, vivenciávamos uma espécie de ‘apagão’, de breu, no que se refere à produção literária na cidade. Assim, o nome foi uma espécie de ironia, de inversão de valores, diante do quadro artístico e literário de Campina Grande neste final de primeira década do século XXI”, disse.

Além dos gêneros literários já citados, atualmente a revista conta com um quadro de colonistas fixos. São eles: a coluna literária de Franklin Jorge - *O Santo Ofício* - a coluna de humor de Valdênio Freitas - *O Aerofago* - as colunas de ilustrações, de Raoni Xavier - *Tiradas do Baú* - e Flaw Mendes - *Poesia Imaginada* -, além da seção denominada *Estante*, com dicas de leituras de convidados.

Para a criação da *Blecaute*, Bruno convidou vários amigos escritores da Paraíba e de outros estados do Brasil, a exemplo da poetisa Samelly Xavier, do ficcionista Ricardo Kelmer, do poeta Selmo Vasconcelos, do historiador e escritor Janaílson Macêdo - responsável pela diagramação - e do escritor João Matias de Oliveira - editor. “Desta forma, formamos, a partir de novembro de 2009, uma equipe com três editores. Algo que só mudaria a partir do nono número, publicado em outubro de 2011, quando convidamos o artista gráfico e ilustrador Flaw Mendes, para realizar as ilustrações e a diagramação. Atualmente somos quatro editores, todos residentes em Campina Grande, e envolvidos diretamente nas produções literárias e artísticas da cidade nestes últimos anos”, ressaltou.

Para as capas, os editores da *Blecaute* optam pelos trabalhos de artistas plásticos brasileiros e internacionais, em especial os residentes ou naturais do estado da



♦ Paraíba. Durante os três anos da revista, ela já foi ilustrada com imagens clássicas de Cézanne, Magritte e Salvador Dalí, e de paraibanos como Sérgio Lucena, Alberto Lacet e João Câmara.

A *Blecaute* é divulgada principalmente através de uma rede de e-mails que já conta com mais de 2 mil pessoas, entre escritores, jornalistas, artistas e pessoas interessadas em literatura, espalhados por todo o país e em outras nações que falam a língua portuguesa. Além disso, ela é disponibilizada gratuitamente no site da revista, através do endereço <http://sites.uepb.edu.br/revista-blecaute/>. “Não sabemos ao certo quantos leitores temos ou vamos ter, uma vez que no meio eletrônico é impossível obter controle. Além disso, muitos sites colocam para baixar a revista, criando assim uma rede sem precedentes em relação à divulgação e aos usos que ela possibilita”, observou. [

Destaque nacional e internacional

Ao longo destes três anos, a revista e seu corpo editorial obtiveram destaque na mídia local, com seus trabalhos divulgados em diversos jornais e programas de televisão. A revista faz parte também de redes de bancos de dados em Portugal, Moçambique e Cabo Verde, sendo destaque em sites de arte e cultura destes países. “Ficamos muito felizes com o reconhecimento deste trabalho que tanto nos orgulha. Já recebemos elogios de nomes importantes, a exemplo de Antonio Abujamra (ator, diretor e apresentador de televisão), W. J. Solha (escritor, ator e artista plástico) e Alberto Guzik (escritor, ator e diretor). Este último afirmou meses antes de morrer o seguinte: “Acabou a excelente e já saudosa *Agulha*, revista online mantida por vários anos pelo Cláudio Willer, de São Paulo, e pelo Floriano Martins, de Fortaleza. Mas, como a indicar que a inquietação nunca some, surge outra, muito interessante, vinda lá de cima, da Paraíba. *Blecaute* é o ótimo nome que os autores deram à publicação (pode ser essa pala-

vra pra uma revista virtual?). Acabo de dar uma navegada pelo material. Não tive tempo de analisar com vagar, mas me pareceu conteúdo dos mais promissores, o que torna nossa responsabilidade ainda maior.”

O balanço, portanto é extremamente positivo, uma vez que a *Blecaute* já lançou 11 números, publicou mais de 100 autores, de 18 diferentes estados do Brasil e mais quatro escritores oriundos de Portugal e Moçambique. A expectativa dos editores é que nos próximos números sejam publicados mais autores de países lusófonos, como Cabo Verde, Angola, Guiné Bissau, selando acordos e parcerias com escritores destes países.

Além da revista, os editores criaram, a partir de janeiro de 2010, um coletivo literário, uma espécie de círculo literário informal, denominado *Núcleo Literário Blecaute*. Criado com o objetivo de ampliar as ações literárias já desenvolvidas através da revista, o Núcleo já produziu três encontros de literatura contemporânea, organizou lançamentos de livros de escritores locais e de outras cidades, a exemplo de Rinaldo de Fernandes, Lau Siqueira, Astier Basílio e Linaldo Guedes, contribuindo assim para a construção de espaços de divulgação e reflexão sobre o fazer literário na Paraíba.

Novos projetos

Para este ano, Bruno adianta que os projetos são muitos nos quais se destacam a ampliação da qualidade visual da revista, a obtenção de parcerias com outras revistas e núcleos literários de modo a melhor divulgar o trabalho. “Vamos criar nos próximos meses um site próprio, modificar o nosso blog, ou seja, pretendemos constituir mais feedbacks com os leitores, através das redes sociais, tornar mais profissional a revista. Além disso, estamos nos preparando para concorrer em alguns editais nacionais, para que a revista ganhe versões impressas”, revelou. ■

Jornalista



Revista

Livro Aberto

No final dos anos 90 circulava pelo país uma importante revista gaúcha intitulada *Livro Aberto*, da editora Cone Sul.

Era uma publicação voltada para a literatura e áreas afins. Impossível deixar de ler cada número seu. A sensação de ficar antenado era indissolúvel da fruição da leitura.

Em 1998, um dossiê especial dedicado à MPB e sua relação com a poesia, intitulado “Como é MPB... como é poesia” guardo até hoje por ser de grande atualidade. Destaco algumas falas de alguns entrevistados.

Começo citando a “epígrafe” do número, retirada de Augusto de Campos: “ (...) mistério das letras de música / tão frágeis quando escritas / tão fortes quando cantadas (...) a palavra cantada / não é a palavra escrita / a altura a intensidade a duração a posição / a voz e o *mood* mudam tudo / a palavra-canto / é outra coisa (...)”

Agora vamos ao edital da revista, sucinto e provocativo: “Na cultura grega da Antiguidade poesia e música eram praticamente inseparáveis (...) MPB (...) uma música que reverbera um mundo onde as expressões das coisas mais elevadas, em termos culturais, podem ser encontradas nas manifestações de massa ou nas criações anônimas, e vice-

versa. (...) Em suma, estamos falando de uma MPB que se fez (e ainda se faz) num permanente jogo de aproximações e distanciamento com as mais diversas expressões da cultura nacional e/ou internacional: do jazz aos ritmos afins, passando pelo rock e pelas músicas regionais; da crônica jornalística e dos manifestos político-culturais ao cinema; da poesia concreta aos textos modernistas”.

Feitas tais observações, o edital sistematiza questões-chaves para o tema estudado:

(...) palavras-canto:

1. quando e como essa conjunção funciona?
2. qual o papel que cada uma das partes desempenha nessa articulação?
3. é possível que, depois de unidas, elas possam sobreviver sozinhas, ganhando independência e autonomia?
4. qual a relação que essas palavras-canto guardam com suas matrizes musicais e poéticas?
5. até que ponto a palavra se preserva enquanto poesia quando se embrenha com o canto?

Agora vamos passar a palavra a 5 entrevistados:

Antonio Cicero:

Em princípio, não estabeleço diferença valorativa entre letra de música e poema. (...) Um poe-

► ma pode ser letra e uma letra, poema. (...) O bom letrista leva em conta e explora o fato de que a letra vai ser ouvida e não lida, e o poeta livresco leva em conta e explora o fato de que o poema vai ser lido. A boa crítica não deve ignorar essas coisas. Se tais diferenças fossem decisivas, não poderíamos hoje apreciar poesia grega, p. ex. (...) diferenças meramente acidentais. (...) A poesia livresca torna-se cada vez mais autoconsciente (...) Quando uma letra é escrita para uma melodia, é esta que determina a sua estrutura formal, funcionando como uma espécie de forma fixa. Se uma forma fixa tradicional, como o soneto, é uma forma fixa *específica* a forma fixa constituída por uma melodia é uma forma fixa individual. Pois bem, uma forma fixa é sempre uma limitação.

Luiz Tatit:

Roberto Carlos e Jorge Benjor são excelentes cancionistas, fazem letras ótimas para as canções deles, mas talvez fizessem poesias totalmente discutíveis em termos de qualidade (...) Já o Arnaldo Antunes faz canção e poesia muito bem e ao mesmo tempo. (...) Eu sinto que as pessoas que fazem boas letras de canção nem sempre são bons poetas. (...) Nem todo poeta consegue ser um letrista, assim como nem todo letrista é poeta. (...) A competência do letrista e a do poeta são muito diferentes. O cancionista pode até ser banal, se ele fisgar o conteúdo. No fundo, a melodia expressa uma maneira de dizer, e é essa maneira de dizer que deixa a coisa pungente, não o que é dito. O que é dito quase não varia muito: ou é político ou é amoroso. É a maneira de dizer que extrai conteúdos a mais.

Thiago de Mello:

A musicalidade é própria da arte poética: poema que não tem

qualidade sonora (...) é dedicado ao silêncio, ao esquecimento. A palavra tem sua musicalidade própria e a reunião de musicalidades é da sabedoria do poeta. (...) O perigo da palavra cantada é o seguinte: o poder da melodia é tão grande que ela pode sustentar palavras ocas, vazias - letras ou versos, como tu queiras chamar -, que quando colocadas no papel, sem o auxílio da melodia, não funcionam como poesia, tombam inertes. (...) "Azulão", de Manuel Bandeira e Jayme Ovalle, a modinha, contém duas obras-primas fundidas numa coisa só: letra e música. Mas se eu disser aqui a letra de "Azulão", vai ter muita gente emocionada.

Waly Salomão:

O poema "A fábrica do poema" tem sinédoques, metonímias, oxímoros, palavras propositadamente buscadas num repertório nobre (...) mas a Adriana Calcanhoto foi tão sabida e esperta que conseguiu musicar o poema, mesmo sem usar essas palavras em sua versão. Não me lembro de nenhum poema do Drummond bem musicado. (...) Quando estou escrevendo poesia já me anteno em outro repertório. O cérebro tem essas gavetas, esses arquivos, essas diferenças.

Péricles Cavalcanti:

O que a gente chama de poesia na canção é um tipo de poesia que pode ser cantada, como se fazia na Grécia ou em Provença. (...) Eu acho essencial saber até que ponto um poema cantado, ou seja, uma letra de música, é um poema em si, isto é, até que ponto ele existe sem ser cantado? (...) Certas coisas quando lidas, têm a musicalidade da própria língua, mesmo que você diga "isso não é uma canção", (porque não está armada com primeira e segunda partes, com a ponte, e não tem estrutura de canção). Principal-

mente se você lembrar que a música popular tem um pouco a ver com a musicalidade da língua cotidiana. Aliás, o ponto de partida são algumas expressões que, em si, já têm um certo "tom". E música popular é você dizer aquilo num certo "tom". (...) O tom em que a coisa é cantada pode modificá-la totalmente. (...) A poesia, antes de ser escrita, foi oral. A letrificação é uma maneira de memorização, e a melodia, sem dúvida, também. (...) Eu sou dos anos 60, gosto de ver coisas que têm tudo misturado, tanto a cultura de massa, quanto a mais sofisticada. É besteira pensar que o entretenimento não pode ser sofisticado e fino. (...) Penso também no Marshall McLuhan para quem a coisa mais maravilhosa da época da "aldeia global" era o fato de a cultura elevada (Joyce, Eliot, Cummings) poder ser encontrada na coisa mais massificada, mais anônima.

Arnaldo Antunes:

Geralmente, no ato de produção eu já sei qual a finalidade da obra [se poesia ou letra de canção]. (...) Tem coisas que eu criei como poema e depois vim a musicar, e outras que eu escrevi para cantar e, depois, descobri uma versão gráfica que acabou tendo vida autônoma.

....

O tempo passou, levou mais uma publicação literária de nosso país. Só não fica o saudosismo porque o acervo da revista está aí nos sebos *on line* pra provar a que veio. E como continua viva e ativa. ✶

Poeta, crítico de literatura e professor da UFPB

O primado da espiritualidade no **Bazar dos Sonhos**



Arquiteto e cronista Germano Romero

Ângela Bezerra de Castro

Uarquitecto Germano Romero, destaque em sua profissão, passa hoje a integrar outra categoria de criadores que representam, na expressão literária da Paraíba, um verdadeiro fenômeno.

Há algum tempo, ele sentiu que as formas projetadas no espaço, por mais originais, requintadas e desafiadoras, não lhe permitiam o transbordamento da sensibilidade e da consciência, de modo que pudessem conter o anseio de suas mais profundas convicções.

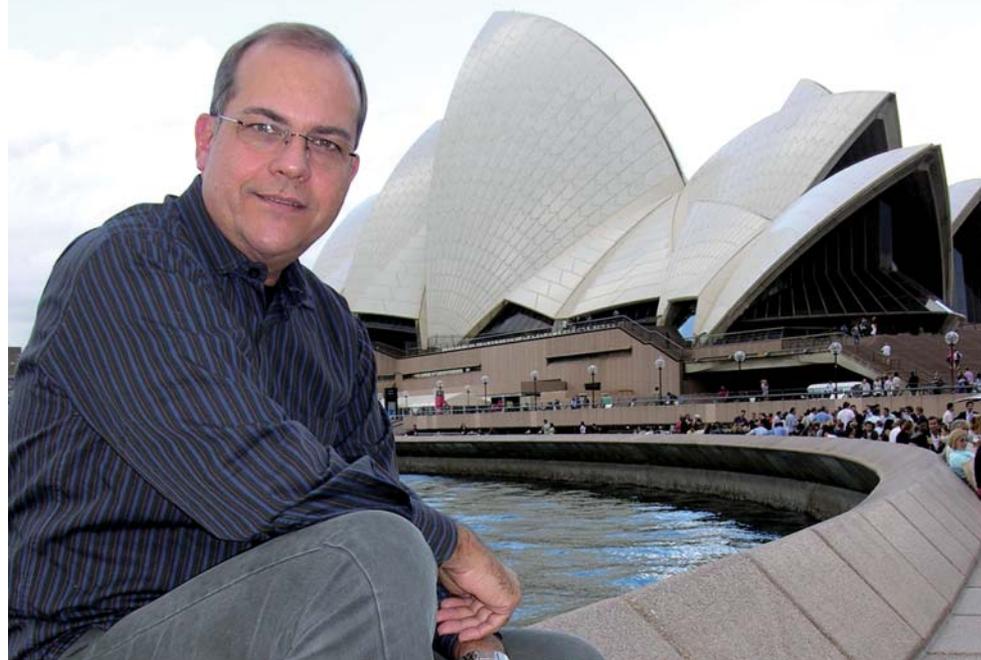
Germano percebeu que só a palavra, em sua instância simbólica, seria capaz de revelar o homem, na complexidade dos seus conflitos. Que somente a palavra lhe permitiria participar intensamente da realidade vivida, interferindo ou tentando interferir na ordem de valores estabelecida.

Então ele se fez cronista, dando continuidade à rica tradição em que se imortalizaram Silvino Lopes, Natanael Alves, Virgínius da Gama e Melo, Juarez da Gama Batista, Francisco Pereira Nóbrega e Luiz Augusto Crispim, todos insubstituíveis, consagrados pelo estilo que é o traço inconfundível do escritor, modelando a palavra, estruturando a forma e conteúdo numa unidade inseparável.

É natural presumir a admiração de Germano por alguns desses cronistas. Ou mesmo por outros contemporâneos a quem se associa, na construção do texto jornalístico que transcende a informação, o interesse imediato da notícia e, ancorado na linguagem, se projeta no tempo.

Mas o grande exemplo definitivo identifica-se, sem qualquer esforço. É o cronista que tem o dom especial de despertar o leitor para os milagres da vida, para a possibilidade de um estado de graça permanente, na comunhão do homem com a natureza, inclusive a humana. O escritor e acadêmico Carlos Romero, pai, companheiro, amigo e modelo que o filho refere com orgulho e indisfarçável felicidade.

O encontro na crônica é mais uma afinidade entre os dois, como o encanto da música erudita e o espanto das descobertas fascinantes em viagens compartilhadas pelos países do mundo. ▶



Em *Bazar dos Sonhos*, Germano se revela o novo escritor em sua visão-de-mundo sustentada por valores espirituais

▶ A maturidade e a afirmação pessoal de Germano Romero, alicerçadas em uma educação de rara qualidade, não deixam margem a que se cogite em sombra do pai sobre o filho. O grande cronista é somente luz para a cena de apresentação do *Bazar dos Sonhos*, onde se revela o novo escritor em sua visão-de-mundo sustentada por valores espirituais defendidos a cada página do livro. Creio ser possível sintetizar essa visão-de-mundo citando a lição transcrita na crônica 'Adeus à morte':

"É preciso aprender a se integrar na Ordem do Universo e aceitar humildemente a nossa insignificância perante as leis naturais".

São palavras escritas em 1985. Palavras de um jovem que não se afastou desta certeza. Ela continua a ser o ponto-de-vista sob o qual percebe, analisa e compreende as coisas do mundo. Perspectiva que confere um padrão de originalidade a suas crônicas, se considerarmos a ordem ou desordem estrutural de uma sociedade voltada maciçamente para a pressa, a concorrência, a ambição, a superficialidade, a arrogância, tudo regado pelo mais absoluto egoísmo. Sociedade que consome e descarta o próprio homem.

Na trilogia que dá nome ao livro, o escritor fixa as bases de seu pensamento. Elege como valores supremos os sonhos "de ter paz", "de ter amigos", "de ter fé", "de ser grato à vida", e "de ser feliz" que, segundo ele, já diz tudo. E, nesse processo de valoração, credita os problemas do mundo ao engano dos homens, consequência da maneira errada de pensar

e agir "mesmo tentando acertar, tentando ser feliz".

No enfoque de todos os temas predomina um idealismo mais que romântico. Um primado da espiritualidade que chega a considerar comercial e imediatista "o sonho da casa própria", em sua essência, o ninho, o abrigo do homem.

Com essa visão personalíssima, Germano vai subvertendo conceitos arraigados não apenas em função do materialismo, mas em razão de preconceitos ou de outras posturas humanas que permitem reflexões e mudanças. Sempre argumentando com clareza e tranquila convicção, ele poderá não convencer o leitor, mas abre uma perspectiva enriquecedora para novas certezas e outros questionamentos.

Nas crônicas em que tematiza a morte, a exemplo de 'Eles não são finados', o que se destaca não é a tristeza, mas a continuidade da vida, a negação do fim.

Diante da imagem de "Jesus Cristo ensanguentado e preso na cruz", vem a pergunta desafiadora: que mãe escolheria uma imagem tão trágica para lembrar o filho querido? E segue-se a crítica sem meias palavras ao masoquismo, "à morbidez cristã" que bem poderia optar pela imagem do Meigo Nazareno das crianças, das aves do céu ou dos lírios do campo. É esta a abordagem

do texto 'Divinas Virtudes'.

Quando se posiciona contra movimentos homofóbicos, que classifica de fanáticos, retrógrados e neonazistas, o escritor se apoia na compreensão de Chico Xavier, na visão científica da Organização Mundial da Saúde e do Conselho Nacional de Psicologia como forma de comprovar que a "tendência para comunhão afetiva com pessoas do mesmo sexo" é de nascença, não é questão de "opção sexual", como se pretende, equivocadamente.

Na crônica 'Seja feita a Sua vontade', Germano questiona o automatismo e a falta de coerência, quando se repetem algumas expressões religiosas. Expõe o paradoxo entre o que se diz e o que se vive e reduz a uma caricatura esse comportamento, através da expressão: "baboseiras em torno de Deus".

Assim, contestando costumes, conceitos e preconceitos, o cronista escreve para fazer pensar, procurando desvelar o sentido das palavras e das ações, de modo que não se anule na repetição mecânica e vazia. A consequência é uma ordem especial no *Bazar dos Sonhos*, de acordo com os princípios defendidos pelo autor. Uma ordem em que tudo se volta para o Infinito Bem.

A crônica 'Pai Nosso' representa uma síntese deste universo recriado por Germano, em seu primeiro livro. Recorrendo ao processo da paráfrase, o autor desdobra cada passagem da "oração que Jesus nos ensinou". Na estrutura de frases curtas e contidas, que dizem apenas o essencial, o propósito foi incluir o máximo de possibilidades que traduzem, de modo específico, o alcance de cada expressão. O fecho, "Que o 'Pai Nosso' assim seja", surpreende pela criatividade e pela convicção da interferência.

Diante da variedade de assuntos, o que é natural da crônica, pode-se imaginar que existam tendências diferentes no conjunto desse livro de estreia. No entanto, seja qual for o tema, estará iluminado pelo mesmo olhar que transcende o imediato para estabelecer as conexões de tudo com as leis divinas que regem a criação e a ordem do Universo. ✦

Crítica de literatura, escritora e professora da UFPB



O mestre Aramis e seus contos reunidos

V

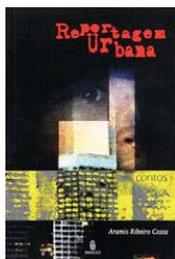
em em boa hora essa reunião de alguns contos de Aramis Ribeiro Costa, a cargo da editora da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, Coleção Nordestina, não somente porque permitirá, aos que não conhecem sua singular ficção, o primeiro contato e o prazer da descoberta, e aos que conhecem, a oportunidade de reler, com renovada surpresa, algumas de suas histórias extraordinárias. Histórias como ‘A rosa de Natália’, ‘Lídia: uma história de Heródoto’, ‘As duas mortes de Olegário Otávio’, ‘A interminável noite de Percival’, ‘O morto Rogaciano’, ‘A oportunidade’, ‘Dez anos depois’ e ‘Mãe’, entre tantas outras.

Faço minhas as palavras de Hélio Pólvora, em orelha de *A assinatura perdida* (1996), quando ressalta: “Ainda se escrevem contos que são contos. O conto que narra, a partir de um núcleo ficcional definido, mesmo que limitado, sem a preocupação da trama. O conto que se exprime pela linguagem e pelos significados humanos recolhidos. O conto na tradição dos clássicos, mas tocado pelo espírito de modernidade”. Perfeito!

Neste pequeno parágrafo, o ensaísta e também contista baiano toca em três aspectos fundamentais da construção narrativa do seu conterrâneo.

O primeiro deles concerne à relação fábula e trama ou, em outros termos, enredo e composição. Aramis é o típico contista da efabulação, na medida em que situações e personagens, ocorrências e conflitos como que fundam a arquitetura do discurso literário. É o quê mais que o como, o conteúdo mais que a técnica de organização que adquire ostensiva visibilidade. Com isto não quero dizer que o autor não domine a técnica de narrar e os recursos formais e estilísticos. Ao contrário: o domínio é tão sólido que o resultado – e aqui não importa a opção pelo andamento linear – evidencia-se com tanta naturalidade.

Por isto, seus contos apresentam uma das características essenciais ao gênero, segundo Tchekhov, isto é, *força*, pois desde o início arrebatava o leitor, levando-o, incontinentemente, ao final da narrativa. Em muitos de seus contos não há como suspender o processo de leitura. Seduzido pela cu- ▶



▶ riosidade, estimulado pela imaginação, presa das armadilhas ficcionais, o leitor se deixa conduzir, fascinado, para o desenlace da ação. Não raro, estranho e imponderável desenlace. A este propósito, convoco os leitores para a deliciosa e surpreendente viagem de um conto como “A rosa de Natália” ou “A interminável noite de Percival”. Aquêle, trilhando um percurso lírico, erótico e realista; este, beirando o fantástico...

Aliás, eis as duas matrizes estéticas que parecem conduzir o autor de *Os bandidos* (2005). De um lado, há um conjunto de peças em que a linhagem hiper-realista, à um Dalton Trevisan, à um Sérgio Sant’Anna e à um Rubem Fonseca, dão a tônica, sem incidir, contudo, no esquemático denunciamento que tanto tem prejudicado a literatura de notação urbana e social. Dessa vertente, figuram como exemplos, entre outros: “Mãe”, “Kety”, “O zelador”, “Reportagem urbana” e “Assassino”. De um outro, existe um leque de contos que transita pelo fantástico, porém o fantástico encravado na carne do cotidiano mais ordinário, como nos demonstram, em especial, dois contos emblemáticos: “A oportunidade” e “O morto Rogaciano”.

O segundo aspecto, entrevisto na citação de Hélio Pólvora, refere-se à correspondência entre os conteúdos humanos e a linguagem. Diria que os fatos existenciais, ou melhor, a situação excepcional em que se envolve as personagens, quer no viés realista quer no viés do fantástico, define bem o inusitado, o surpreendente, o estranho da experiência humana vivenciada. Para me socorrer, mais uma vez de Tchekhov, vejo aqui a marca da *novidade*, ou seja, o impacto do acontecimento inédito assim como a maneira particular, insólita de captar a temática e de desenvolver o assunto através de ângulos inesperados. Confira o leitor, lendo, por exemplo, um conto como “Lídia: uma história de Heródoto” ou

mesmo o desconcertante “As duas mortes de Olegário Otávio”.

Novidade, nesta perspectiva, não se confunde com *novismo* nem tampouco com as invenções piro-técnicas da forma gratuita e vazia em que muitos se comprazem. A essa *novidade*, que provavelmente se aproxima do conceito de originalidade, Aramis Ribeiro Costa procura associar a *clareza*, outra exigência tchekhoviana, sobretudo quando se molda pela objetividade narrativa e pela simplicidade da linguagem. Tanto no conto mais longo quanto naqueles mais curtos, o narrador revela economia de meios e senso de equilíbrio na seleção dos elementos, delimitando bem o núcleo seminal da narração, cadenciando o ritmo do suspense, enfim, atingindo o clímax e o desfecho.

Dai, chegamos ao terceiro aspecto: Aramis é um contista de herança clássica, porém tocado pelo halo da modernidade. O clássico vincula-se evidentemente ao modo de narrar, à elaboração de uma trama quase sempre linear – de começo, meio e fim – com narrador bem posicionado, claramente definido, conflitos bem articulados, enfim, com todas aquelas diretrizes que vêm de mestres como Maupassant, Eça de Queirós e Machado de Assis, com os quais o escritor baiano parece manter fortes “afinidades eletivas”.

O toque moderno, por sua vez, é dado pelo olhar, às vezes empático às vezes irônico, às vezes lírico às vezes humorístico, com que o narrador visualiza o drama e o desamparo dos personagens, suas tristezas, alegrias, frustrações, medos, dúvidas, perplexidades, desespero, loucura... Enfim, pelo senso das coisas contemporâneas, pela presença recorrente da cidade, a bela e misteriosa Bahia de São Salvador, topografia real e simbólica desse universo de “humilhados e ofendidos” que Aramis Ribeiro Costa transfigura com a objetividade da observação sensível e com a poeticidade da imaginação criadora.

À semelhança de “Heródoto”, um de seus personagens, Aramis gosta de contar histórias. Mas não qualquer história. Não a história pela história. O conto, para ele, tem de ser *significativo*, isto é, deve ultrapassar as fronteiras episódicas que o deslindam, fazendo explodir, conforme sustenta Julio Cortázar, num dos capítulos de *Valise de Cronópio*, a “energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Como no poema de Fernando Pessoa, a emoção aqui também pensa. A perplexidade diante do acontecido, principalmente da singularidade do acontecido, leva a reflexão, transformando seus contos naquela “bolha de sabão”, a que alude Cortázar, “que se desprende do autor, do seu pito de gesso”.

O *significativo*, a seu turno, não existe sem a *intensidade* – a eliminação dos ingredientes supérfluos, na lição de Edgar Allan Poe; a *intensidade* e o *significativo* se consomem na *tensão*, que, para Henry James, “é uma intensidade que se exerce na maneira pela qual o autor nos vai aproximando lentamente do que conta”. Ora, tais características avultam e se mesclam na obra ficcional de Aramis Ribeiro Costa, perfazendo sua unidade estética e sua densidade semântica.

A Bahia é região agraciada pelas vozes de grandes ficcionistas da literatura brasileira. Basta lembrar os nomes de Jorge Amado, Herberto Sales, Adonias Filho, Antônio Torres, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Medauar e Hélio Pólvora, para citarmos apenas os mais conhecidos. Creio que Aramis Ribeiro Costa, a par da obra consolidada que vem publicando e já ceifando os melhores frutos da maturidade, espiritual e artística, de que serve de exemplo essa bem vinda coletânea, integra perfeitamente, qual um mestre entre seus pares contemporâneos, a rica galeria dessa tradição. ✦

Poeta, crítico
de literatura e professor da UFPA

As imagens poéticas de *A Comarca das Pedras*

DESESTABILIZAM AS TIRANIAS DO TEMPO

Marcos de Oliveira



entre tantos atributos, a arte reserva para si o mérito de conseguir desestabilizar a ordem. Pensemos por um instante, como, por exemplo, no que diz o poeta e ensaísta Octávio Paz: “isto que estamos vendo pela primeira vez, já vimos antes. Em algum lugar, no qual nunca estivemos, já estavam o muro, a rua, o jardim”.

À primeira leitura de *A comarca das pedras* segue a aparentemente absurda nostalgia preconizada por aquele crítico mexicano. Hildeberto Barbosa Filho nos faz voltar para um lugar, onde nunca estivemos, para sentirmos a cidade que carregamos em nós:

Uma cidade
me acompanha vida afora
como a sombra acompanha o homem
como a dor enlouquece o homem
como o cão é fiel ao homem. ▶

› Assim, à maneira de Rainer Maria Rilke, Hildeberto vai “coisificando” sua nostalgia para elevar Aroeiras à condição de “cidade universal”. Rilke dominou o concreto para lançar-se às aventuras abstratas; Hildeberto, por sua vez, mistura em *A comarca das pedras*, sentimentos e coisas. “A cidade é algo mais que suas ruas”, canta Hildeberto na primeira estrofe, para, na terceira, alertar que ela é, também, “algo mais que o desejo”.

É assim que o bardo paraibano, sem ter nenhuma piedade de seu leitor aflito e emocionado, lança sua tempestade de imagens. A imagética de Hildeberto coloca a estética para contrariar a tirania do tempo. No canto V de seu poema, as pedras espiam, do gume da serra, a vida e a morte de seus personagens – como Miné, que carrega nas costas o pôr-do-sol. Staiger diz que o passado como tema lírico é um tesouro de recordações. Mas *A comarca das pedras* se encarrega de inventar sua própria percepção temporal reelaborando um não-tempo literário:

Aroeiras não é paisagem na parede,
nem nasceu anjo torto o seu filho.
Suas veredas tem calcário
e toda saudade se perdeu nos grotões
sem história.

Ninguém resiste ao tempo de Aroeiras de Hildeberto. Mas o poeta trata a morte no seu poema como um círculo virtuoso de eterna renovação. Em

A comarca das pedras é preciso morrer para que a vida renasça com força e, neste contexto, o poeta dá um sentido profundamente heideggeriano à morte, tratando-a como um fenômeno existencial.

Assim, a qualidade estética do poema de Hildeberto não está apenas à custa da clareza máxima pelo emprego das palavras como em Aristóteles, mas também no uso destas palavras como objetos do *ser* e do *dever* por mais que esses dois modos, paradoxalmente, se afastem.

Partindo de suas reminiscências, o artista Hildeberto apresenta um princípio transcendente às experiências vividas e presenteia o seu leitor com uma doce melancolia. No imaginário de Aroeiras, apenas as pedras, onipresentes, sobrevivem enquanto tudo o resto passa. No seu último canto, temos o encontro com a grande metáfora visual do poema: as nuvens, as estrelas, a lua e o sol são pedras, assim como as lágrimas, o amor e a dor.

O poeta canta *que na ilha de pedra/medra um triste oásis/na memória:la comarca de pedras*. De fato, a cidade está cercada por suas serras de calcário, uma ilha isolada do continente por uma realidade que se metamorfoseia em um grande e único imaginário.

Mais uma vez, Octávio Paz nos diz que um poeta afirma que suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, ainda que pareça disparate, nos revela de fato o que somos. E neste sentido, a arte de Hildeberto nos conduz a esta verdade ontológica, nos revelando a nós mesmos. Todos temos uma Aroeiras atravessada em nós. Aroeiras é aqui e agora. ✦

REFERÊNCIAS

- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 368p.
CAMPOS, Augusto de. *Coisas e anjos de Rilke*. 1ed. São Paulo, Perspectiva, 2007. 177p.
STAIGER, Conceitos fundamentais da poética. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo: parte II*. Petrópolis: Vozes, 1989. 266p.
ARISTÓTELES. *Arte poética*. 1ed. São Paulo: Martin Claret, 2004. 162p.
PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. 2ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. 322p.

As colunas sociais



no jornal impresso são histórias dos segmentos sociais.



o jornal impresso é um meio de confluência de várias linguagens: algumas têm a essência materializada nas imagens de produzidas por suporte que não pertencem à arquitetura gráfica do papel.

Os jornais se apresentam como suporte de médiuns que buscam na impressão gráfica um meta-veículo para suas formas materiais.

No jornal impresso, há sempre um ponto de intersecção de várias linguagens. Elas são extensões do mundo exterior para o interior da linguagem jornalística, mas também parte dessas para fora as referências externas.

As linguagens que habitam o universo do jornalismo impresso são organizadas, tanto no sentido analógico quanto dialógico, de forma que estabeleça uma conjunção entre as falas dos sujeitos sociais.

O jornalismo impresso materializa o mundo através da palavra, da materialização do dito, da concretização do ato dos sujeitos não em movimentos, mas na va-

lorização da estrutura aparente dos significados.

Para explicar o significado dos fatos sociais, o jornalismo faz um percurso distante da sociologia positivista de Durkheim, coloca a fala dos sujeitos acima dos constrangimentos impetrados pela sociedade e suas formas de divisão do trabalho.

A matéria prima do jornalismo é o discurso referencial. Mas para obter notícias do mundo, as narrativas jornalísticas procuram valorizar o sujeito da fala e não a fala – que acontece na literatura, por exemplo.

Nos gêneros jornalísticos, o sujeito é núcleo semântico e sintático ao mesmo tempo. A qualificação e desqualificação dos discursos veiculados dependem da posição social ocupada pelo sujeito numa determinada conjuntura.

Para o melhor ou para o pior, as narrativas jornalísticas são autenticadas de acordo com as interações simbólicas construídas pelos sujeitos a partir de suas for- >

► mas gestuais e de seus discursos em sociedade.

A sintaxe do jornalismo informativo depende da semântica do discurso que caracteriza o sujeito da ação. Nesse sentido, o verbo cede lugar ao predicado-sempre tomado como qualitativa nas manchetes que anuncia o espírito do homem em ação.

No jornalismo o sujeito é mais importante que o verbo, pois este pode ser tomado como maneirismo de caráter.

Se o núcleo da narrativa jornalística é o sujeito-muitas vezes em

A etnometodologia aplicada ao cotidiano jornalístico demonstra como são as interações promovidas de forma sensível pelos sujeitos que dão sentido ao social. Nesse sentido, podemos pensar em atos cometidos no espaço público que podem ser considerados extensões de uma indicialidade ou reflexividade socioeconômicas.

Mas para que serve a etnometodologia aplicada à análise do cotidiano jornalístico? Serve para explicar o significado do deslocamento dos sujeitos e dos signos que estes pro-

do sensível e negar a supremacia do sujeito em relação aos objetos.

As colunas sociais, através da etnometodologia, demonstram que o cotidiano pode ser demonstrado de forma dialética a partir do confronto das formas, cores, e etiquetas das roupas, joias ou calçados usados pelos sujeitos em eventos sociais.

Portanto, é preciso buscar uma metodologia adequada para análise das colunas sociais - porque ela representa a história dos segmentos sociais urbanos. ❖



carne e osso – qual seria o método adequado para se entender o quem jornalístico? A etnometodologia.

A etnometodologia coloca o sujeito como o centro do mundo das linguagens.

Inspirada a partir da fenomenologia de Husserl e implantada nos Estados Unidos da América, a etnometodologia vai cerrar um combate profícuo contra o positivismo sociológico.

Para os etnometodólogos, o que interessa é o que sai do sujeito e se junta aos demais para construir uma rede de significados tecida na fala, nos gestos, na intersubjetividade de cada um.

duzem nos territórios sociais.

II. A etnometodologia aplicada à análise das Colunas sociais.

Um dos espaços de linguagens complexos do jornalismo impresso – sobretudo jornais quotidianos – para análise é a coluna social. Nesse espaço, geralmente, os sujeitos são “vistos” por suas razões materiais, mas nunca como estas são apenas indicialidades de certas reflexividades do valor estético de cada cultura.

Nas colunas sociais, a um a priori que determina a materialidade da aparência como status social. Essa uma forma de “positivar” o mundo, retirá-lo do nível

Escritor e professor da UFPB

Poemas

Para Ronaldo

Luiz Nunes

Ao amigo, ao irmão, minha homenagem.
Ao poeta, as melhores referências.
E ao político, promotor de deferências
Ao seu povo, sua eterna vassalagem.

Ter medo de ter medo é ter coragem.
Coragem que não vem por influência,
No étimo, tem a ver com a inerência
Ao ser, irmã da camaradagem.

Bem no seu coração pulsa a bondade
Pra com o próximo, bendita vaidade,
Que ninguém, como eu, vai esquecer.

Que Deus lhe dê forças, paciência,
Para enfrentar, com ânimo, a inclemência
Que a vida, por vez, nos faz viver.

Sua santa, Bernadete,
que nas filhas se repete
nos bons tratos que lhe dão,
vai sorrir com mais bonança
com as astúcias da criança
que mora em seu coração.

E as suas musas, poeta?
A sua paixão diletta,
seus versos compondo flores?
Vão ficar mais encantadas
com o nascer das madrugadas,
com o florir de mais amores!

Vão cantar, com mais agradados,
valsas tristes, velhos fados,
tangos tropos, em serestas.
Vão lhe fazer companhia,
toda noite e todo dia,
aos deuses fazendo festas.

Sua aposentadoria,
alguém contou que seria
em tempo preconcebido.
Em uns setenta, parece.
Um setenta que envelhece
mesmo o não envelhecido.

Poeta amigo, Luiz Nunes,
sejamos, os dois, imunes
ao tempo que se contou.
Você, hoje, está contente.
Mas não é você, somente.
Contente, também, estou.

Estou contente porque
vou ser mais “eu e você”,
e sermos, bem mais, “nós dois”.
O tempo, tanto contado,
vamos deixar no passado,
vamos deixar pra depois!

Ode a Luz Nunes

Ronaldo Cunha Lima

*O tempo não se deu conta
de que as contas que ele apronta
não alcança os imortais...*

As coisas da sua sala,
que você tanto propala,
com muito amor e carinho,
vão ficar bem mais cuidadas,
catalogadas, guardadas,
cada qual, em seu cantinho.

E o Sítio Serrote Alto
vai ficar em sobressalto
com as mudanças, que eram raras, dando
à vida mais valor:
os dias com mais calor
e as noites sendo mais claras.

Filmes para homens?



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Ladrões de bicicleta
(Vittorio De Sica, 1948)

Parece que, depois do movimento feminista, os homens, meio na defensiva, ficaram menos seguros em relação ao que é ser homem. Deve ser isso que justifica a existência, na internet, de sites como este “The art of manliness” – traduzindo aproximadamente: ‘a arte da masculinidade’. Tentando resgatar o conceito do masculino essencial, o site é interessante e reúne aspectos do comportamen-

to dos homens que seriam fundantes desse conceito.

Há, por exemplo, listas de coisas que os homens preferem – ou deveriam preferir – e uma delas se refere ao cinema.

“Cem filmes obrigatórios para homens” é uma das listas que o site apresenta, certamente títulos votados pelos organizadores e dispostos na ordem de importância, do primeiro ao centésimo. Sem dúvida, um excelente objeto de estudo para os interessados, como eu, em Estética da Recepção no cinema.

No geral, são filmes que se centram na figura masculina, porém, nem todos veiculam aquele velho estereótipo do homem como sendo um ser forte, corajoso, decidido, violento, possessivo, autoritário, briguento, etc.

Por motivo de espaço, o meu comentário aqui vai limitar-se à metade da lista – os cinquenta primeiros filmes – e aos citá-los, mencionarei sempre o diretor e o ano de produção.

Embora nessa lista estejam filmes fundados na violência como *Rambo* (Ted Kotcheff, 1983), *Duro de matar* (John McTiernan, 1988) e *Operação dragão* (Robert Clouse, 1973), nela também estão outros, bem diferentes, como: *Ladrões de bicicle-* ▶



Os brutos também amam estão entre os filmes prediletos do público masculino

► *ta* (Vittorio De Sica, 1948), *Se meu apartamento falasse* (Billy Wilder, 1960) e *Gandhi* (Richard Attenborough, 1982), ou seja, filmes em que o protagonista está a léguas de distância do estereótipo tradicional acima referido.

É verdade que um número expressivo desses “filmes masculinos” trata de esporte – suposta preferência masculina. Citando dentre os nossos cinquenta: *Momentos decisivos* (David Anspaugh, 1986), *Sorte no amor* (Ron Shelton, 1988), *Campo dos sonhos* (Phil Alden Robinson, 1989), *Rudy* (David Anspaugh, 1993), *A luta pela esperança* (Ron Howard, 2005) e *Desafio à corrupção* (Robert Rossen, 1961)“

Também previsivelmente, outro número considerável versa sobre guerra, a saber: *Fugindo do inferno* (John Sturges, 1963), *Sob o domínio do mal* (John Frankenheimer, 1962), *Das boot* (Wolfgang Peterson, 1981) e *Nada de novo no front* (Lewis Milestone, 1930). Vejam, porém que um filme como *Os melhores anos de nossas vidas* (William Wyler, 1946) é muito mais sobre os efeitos da guerra, sobretudo os psicológicos. E que *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942), só é um filme de guerra até certo ponto.

Entre os preferidos dos homens não poderiam deixar de es-

tar os westerns da vida, que, dos nossos cinquenta, são: *Butch Cassidy* (George Roy Hill, 1969), *O último pistoleiro* (Don Siegel, 1976), *Os brutos também amam* (George Stevens, 1953), *Matar ou morrer* (Fred Zinnemann, 1952), *Os imperdoáveis* (Clint Eastwood, 1992) e *Bravura indômita* (Henry Hathaway, 1969).

O mesmo se diga dos policiais ou filme de suspense: *Perseguidor implacável* (Don Siegel, 1971), *Intriga internacional* (Alfred Hitchcock, 1959), *Pacto de sangue* (Billy Wilder, 1944), *Relíquia macabra* (John Huston, 1941), *Operação França* (William Friedkin, 1971), *Os intocáveis* (Brian DePalma, 1987), *Bullit* (Peter Yates, 1968) e *Um corpo que cai* (Alfred Hitchcock, 1958).

Surpreendentemente ou não, o gênero da ficção científica teve poucos preferidos: *Guerra nas estrelas* (George Lucas, 1977) e *O gigante de ferro* (Brad Bird, 1999). Os filmes históricos, ou épicos, são três: *Gladiador* (Ridley Scott, 2000), *Spartacus* (Stanley Kubri-

ck, 1960) e *O último dos moicanos* (Michael Mann, 1992). Dois filmes tratam do tema vida em prisão: *Um sonho de liberdade* (Frank Darabont, 1994) e *Rebelião indomável* (Stuart Rosenberg, 1967). E três enfocam a luta contra o racismo, a saber, *Malcom X* (Spike Lee, 1992), *Mississippi em chamas* (Alan Parker, 1988) e *No calor da noite* (Norman Jewison, 1968). O único documentário da lista toda é *The endless Summer* (Bruce Brown, 1969), sobre a prática do surfe.

Por fim, outros filmes há que não se classificam por gêneros, a não ser no sentido amplo de serem dramas – familiares, sociais ou existenciais. *Vidas sem rumo* (Francis Ford Coppola, 1983), *Mar adentro* (Alejandro Amenábar, 2004), *A mulher faz o homem* (Frank Capra, 1939), *Juventude transviada* (Nicholas Ray, 1955), *Vinhas da ira* (John Ford, 1940) e *Uma rua chamada pecado* (Elia Kazan, 1951).

Não estou citando os atores, mas dei-me ao trabalho de contar, e os campeões de recorrência são, de fato, previsíveis: na ordem, Clint Eastwood, Kevin Costner e John Wayne.

Feita a leitura da lista, acho que a vontade do leitor é perguntar o que é, afinal de contas, um filme para homens. E, por antítese inevitável, o que seria um filme para mulheres.

O critério do site, como dito, é o filme ser a estória de um personagem do sexo masculino, mas, quem foi que disse que uma estória sobre um homem só interessa a homens? Ou que uma estória sobre uma mulher só interessaria a mulheres? Eu, que sou homem, me sentiria frustrado se me proibissem de ver ou de gostar de – para citar apenas filmes com nomes femininos: *Rainha Cristina*, *Stella Dallas*, *Ana Karenina*, *Ninotchka*, *Joana D’Arc*, *Noites de Cabíria*, *Gilda*, *Laura*, *Sabrina*, *Irma La douce*, *Xica da Silva*, *Adele H*, *Júlia e Júlia*, e tantas outras.

Sem contar que, em muitos casos, fica difícil dizer quem é mais ►

▶ protagonista do que quem. Em *Casablanca* seria Rick ou Ilsa? Em *E o vento levou*, seria Scarlett ou Rhett? Em *A princesa e o plebeu* seria a princesa, ou o plebeu? Nas muitas adaptações de Shakespeare, o protagonista seria Romeu ou Julieta?

Tudo bem, não sou ingênuo e sei que, na prática, as pessoas fazem a separação, e que os produtores e realizadores, para garantir bilheteria, reforçam a dicotomia recepcional entre os sexos, pondo mais ação em filmes para homens, e mais sentimento em filmes para mulheres, assim como, em casa, os brincos que os pais dão aos filhos são carros e armas para os meninos e bonecas e casinhas para as meninas.

O engraçado é que existe um filme, aliás, não referido no Site em questão, em que essa dicotomia recepcional está abordada, e de modo muito curioso. Acho que vocês se recordam da comédia romântica com Tom Hanks e Mag Ryan *Sintonia de amor* (Nora Ephron, 1993): em uma determinada cena alguém (naturalmente uma mulher) começa a rememorar o melodrama de Leo McCarey *Tarde demais para esquecer* (1957) e, na descrição da cena final entre a aleijada Deborah Kerr e o pintor Cary Grant, simplesmente desaba em pranto, ao ponto de não poder continuar. Nesse momento, incomodado, alguém (naturalmente um homem) alega que *Tarde demais* é um filme para mulherzinha, e, imediatamente, passa a descrever a cena final em um “filme para homem”, cheio de ação e adrenalina, *Os doze condenados* (Robert Aldrich, 1967). Ora, no meio da descrição, o marmanjo se emociona e ... desaba em pranto.

A idéia na cena de *Sintonia de amor* seria a de que, se filmes para homens e filmes para mulheres são diferentes, a diferen-

ça não residiria na reação do(da) espectador(a), aqui, o mesmo jorro de lágrimas. Mas, atenção, não esqueçamos que o autor do filme – de qualquer filme! – também tem sexo e o sentido da cena foi dado por ele/ela. No caso presente, trata-se de uma mulher (Nora Ephron), mas, poderia ter sido um homem que, faria talvez a encenação com outra consequência semântica.

E ficamos na estaca zero da discussão.

Ao leitor ou leitora desta matéria, sugiro que repasse com calma a lista desses filmes para homens, lembrando o que assistiu e com que interesse, e, a partir de seu próprio gosto ou tirocínio, decida sobre a pertinência de uma lista de filmes –



Em *Romeu e Julieta* (cena da adaptação de Franco Zeffirelli) qual dos dois personagens é o protagonista?

a aqui exposta, ou qualquer outra – que divida a recepção a partir da diferença sexual entre os espectadores.

Em tempo: a minha matéria “Casablanca setentão”, publicada neste suplemento no mês passado, contém um erro de edição pelo qual não fui responsável: a legenda de uma das ilustrações da matéria dá Louis Armstrong como sendo o ator que interpreta o pianista Sam, quando, na verdade, o ator é Dooley Wilson.

✶

Crítico de cinema e de literatura e professor aposentado da UFPB

Poema de Ronaldo Monte

PIEDADE

Na sala da minha casa não cabe este caixão.
Essa morte transbordou meu coração de mãe.
Ela esborra do meu peito e vasa por esse beco
misturada com o lodo que escorre fedendo pela rua.

Essa morte não é minha só.
Esse filho morto eu não fiz só.
Se não leve pai, leve um reprodutor
que me largou
que se mandou
que se perdeu no mundo,
perdendo a conta dos moleques que botou
no fogo cruzado entre a cana e o pó.

Fui largada no mundo, mas não fiquei só.
O mesmo mundo que um dia me criou
criou todas as mães, todas ignatas a mim,
que só queria um homem pra gostar de mim,
Cuidar de mim, sorrir pra mim.
Igual a como eu via na televisão,
igual a como eu via nas fotografias
das revistas que falavam da televisão.

Um dia veio um homem,
quase um menino
que me levou pra cama,
uma menina
que vadlou, dormiu e acordou sozinha.
Sozinha não.
Estava acompanhada, mas eu não sabia.
Eu não sabia de nada.

Fui sabendo pouco a pouco como era a vida.
Fui sabendo pouco a pouco que era uma vida
que eu carregava dentro da barriga.

A dor que me doeu eu sofri só.
Botei na sacola meu pouco dinheiro,
minhas coisas poucas,
minha pouca idade
e fui sozinha pra maternidade.

Mas esse menino eu não criei só.
Se o homem foge, a mulher tem a mulher
pra reparar com ela a vida dos moleques.
Tem a mãe, tem a vó, tem irmã,
tem a comadre que mora do lado
e fica olhando seu filho,
cuidando do seu filho
sem você nem precisar pedir.
Só uma mulher sabe bem o que é
ser mulher e perder e parir e saber esperar
sem saber bem o quê.

Não percam tempo em pensar
que não gozei.
Se dessas rugas a metade é sofrimento
de muitas horas que gemia só,
metade é contração do bom momento
em que meu corpo e outro deram nó.

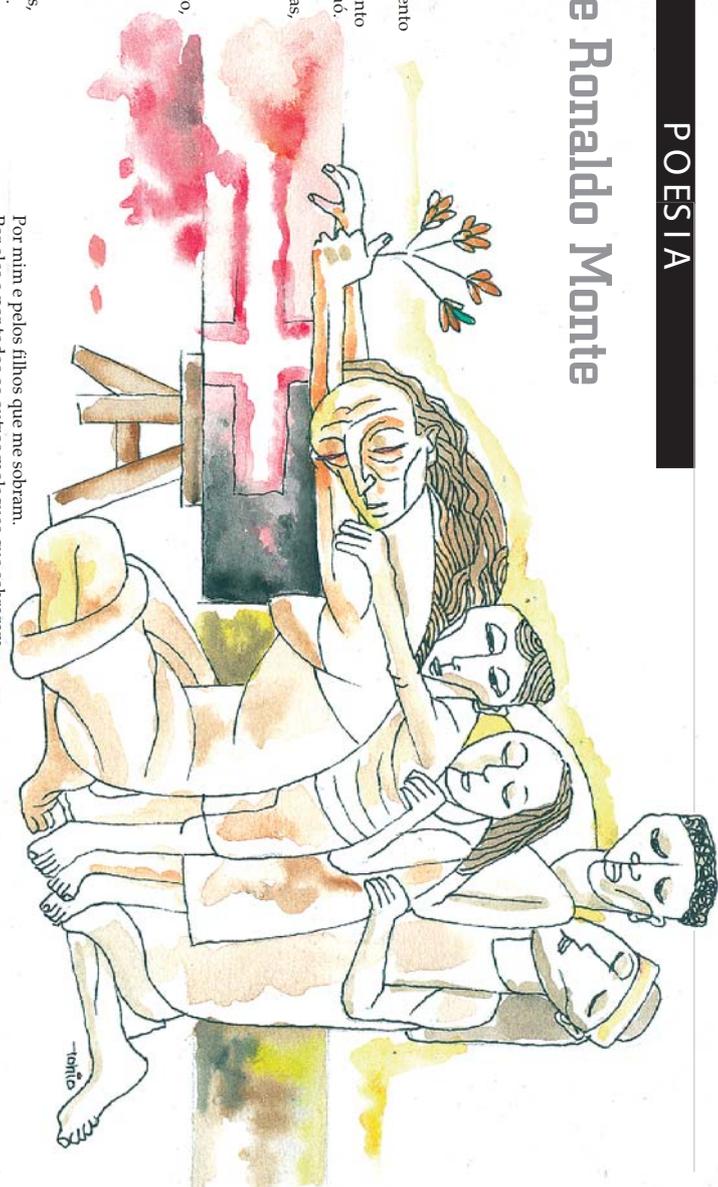
Porém nas horas de minhas agonias,
meu choro massigando
ou blasfemando em vão,
não tive, nunca tive
alguém por perto.
E que existem pessoas que dão certo,
outras não.

E não me venham dizer
que não amei.
As pernas em relevo são a prova
de muita vida nova que gerei.
Se meus joelhos denunciavam quedas,
cada variz me lembra uma paixão.
E que nas horas de minhas agonias,
quando filhos pari
ou me faltou o chao,
não tive, nunca tive
alguém por perto.
E que existem pessoas que dão certo,
só umas que dão certo.
Outras não.

Nunca esperei qualquer pena de mim.
Nunca chorei com pena de ninguém.
Ninguém escapa ao fogo da fogueira.
A pena que se paga aqui, fora das grades,
é a mesma que se paga no outro lado da muralha.
A diferença é pouca.
Tanto no lado de lá, como nesse de cá,
mesmo mandando na boca e nadando em dinheiro,
não se pode escolher ser livre ou prisioneiro.

O pastor falou que pode.
Basta ser crente.
Eu não escolhi nascer aqui, viver aqui, morrer aqui.
E quando acreditei poder sair daqui,
Star, ralar num trampo, virar gente,
o diabo escolheu coisa diferente.

Eu vou pedir ao pastor pra orar por mim
No culto de hoje à noite.



Por mim e pelos filhos que me sobram.
Por eles e por todos os outros moleques que sobram.
Por todos os moleques que escaparam
Do fogo cruzado de um mal contra outro mal.
E toda vez que ele gritar Aleluia
e der graças a Deus pelas graças que nos deu
eu vou querer saber de Deus que graça tem
perder um filho,
já que ele perdeu o seu também.

E quando encontrar um padre
Eu também vou pedir que ele reze uma missa por mim.
Por mim que morri pela metade
Quando meu filho foi morto por inteiro.
Que ele não morreu de uma vez só.

Começaram a matar meu filho
muito antes de ele nascer.
Ele começou a morrer quando foi feito.
Na pressa em que foi feito,
na pressa com que foi abandonado
pelo homem que fez ele em mim.
Ele continuou a morrer dentro de mim,
no ventre sem sustança que botou ele pra fora
antes do tempo.
E a morte sempre esteve perto dele,
na maternidade de onde quase não saiu,
nos hospitais imundos
de onde saiu mais doente do que entrou.

E mais morreu na comida ruim, que ele comeu
nas vadeiras de esgoto em que pisou,
no colchonetete encharcado de goterias,
no medo noturno das balas perdidas.
Até que a morte foi pra dentro dele
E completou o serviço que a vida tinha começado.

Também vou na tenda do Mestre Perlingeiro
Pra ele fazer uma reza pra mim.
Pra ele fazer uma sessão pra mim,
pra meu filho baixar e vir falar comigo.
Pra eu pedir perdão à alma dele.
Pra eu pedir que os guias cuidem dele
com o cuidado que eu não pude dar.
Com o cuidado que ninguém lhe deu.
Pois, como já disse, esse morto não é só meu.
E que do lado de lá desta muralha
Ele descanse, enfim, desta batalha
em que perdeu a vida e a mocidade.
E encontre onde estiver o que faltou aqui:
carinho, proteção, boa vontade
e piedade. Muita piedade.



O Tempero da Vida

AO PEQUENO ARTHUR, MEU NETO, A QUEM GOSTARIA, SE TEMPO ME FOR DADO, DE ENSINAR ALGUNS TEMPEROS DA VIDA.

O *Tempero da Vida* (*Politike Kousína*, 2003), direção de Tasso Boulmete, é, antes de tudo, um filme político, com a política surgindo de forma alegórica entremeadada aos temperos e à cozinha. Para se viver é preciso comer, mas as duas coisas essenciais, que dão sentido à vida do ser humano, são o tempero da comida e a política. Esta última entendida na melhor concepção grega, daquilo que o cidadão é capaz de fazer, de modo a contribuir para o bem comum. Se é pela cozinha que se determina o casamento e em torno dela a família se reúne e se agrega, é na ação política que se encontra o tempero da vida, dando a motivação para que o ato de comer ultrapasse o puramente fisiológico. Tasso Boulmete conseguiu unir as duas concepções num filme belo, delicado, lírico e, ao mesmo, denunciador do dano que a má política é capaz de fazer às pessoas, destruindo vidas e sonhos.

O filme se passa em três momentos temporais. O primeiro é o momento presente do personagem principal, o astrônomo e professor universitário Fanis, que vive em Atenas. O segundo momento diz respeito às suas lembranças da infância e da adolescência, deflagradas com a notícia de que o avô, que vive em Istambul, irá, finalmente, visitá-lo. O terceiro momento trata da volta de Fanis à Turquia, para reencontro do avô e de seu passado, deixando no ar uma possibilidade de retempero da vida.

Os três momentos em que se divide o filme se tecem em três partes, cada uma delas denominada como se se tratasse de um cardápio de restaurante: as entradas (*oi mezédes*), os pratos principais (*ta kúria pi-*

áta) e as sobremesas (*ta gluka*). Ao final do filme, recuperando-se o entrelaçado, vemos que, por trás do aprendizado dos temperos, envolvendo todos os sentidos - tato, gustação, olfato, paladar, audição e visão -, encontra-se o aprendizado da vida, tanto sensorial - a degustação e o amor -, quanto política. Veja-se a cena, por exemplo, da maneira como Fanis escolhe as berinjelas para preparar a sua primeira refeição.

A tradução do título original *Politike Kousína* como *O Tempero da Vida* só cobre a parte, digamos, lírica do filme, deixando de fora a parte cruel da política de opressão ao cidadão, em meio aos conflitos milenares entre turcos e gregos, cujo início remonta aos tempos míticos da guerra de Troia, narrada por Homero, na *Iliada*. A tradução literal seria *Cozinha Política*, tradução pouco viável para nós brasileiros. O grego e o turco devem entender bem o sentido original do filme, sem que seja necessária uma explicação. Afinal de contas, saber cozinhar é um ato político, um ato que define, por exemplo, o casamento. Para sociedades que aprenderam a cultivar o sabor da comida, cozinhar é mais do que colocar comida no fogo e matar a fome. É saber misturar e combinar os temperos, para que o ato da comida seja fruído em grupo. Saber cozinhar é saber partilhar o sabor. A cozinha política é, em um primeiro momento, a cozinha da terra, da cidade, a que acompanha o cidadão e o faz reconhecer a sua identidade. O pai de Fanis é deportado com a mulher e o filho da Turquia, por ser grego, embora os demais sejam cidadãos turcos, sobretudo o seu so-

► gro, que permanece no país. Ao chegar à Grécia, apesar de todos falarem grego, a família é vista como turca pela professora de Fanis... O que o menino Fanis leva consigo, quando obrigado a apartar-se do avô, é o amor pelo tempero, pela cozinha e pelo conhecimento. É esta cozinha política que o acompanha à Grécia e se mistura à situação fervente dos conflitos, ainda hoje não resolvidos, com Chipre e com a posterior ditadura militar grega. A dificuldade ou mesmo a impossibilidade de uma tradução unívoca do título, condiz com os caminhos polissêmicos que podemos seguir, com relação à tessitura da trama: descoberta dos sabores da cozinha, descoberta do amor, descoberta da ciência e a fusão lúdico-etimológica entre *gastronomia* e *astronomia*, conflito de identidade, opressão política...

A primeira parte do filme - *os antepastos ou as entradas* - se passa em 1959, às margens do Bósforo, em Istambul, às vésperas, portanto, da independência de Chipre. A antiga colônia britânica se torna independente, em agosto de 1960, tendo como seu presidente, o arcebispo Makário III, chefe político e religioso greco-cipriota (presidente a primeira vez em 1960-1974; a segunda vez em 1974-1977). Como vice-presidente de Chipre, assume um turco-cipriota, representante da minoria turca da ilha, Fazil Kuchuk, com direito de veto, previsto pela constituição. Como os conflitos não são sanados e a maioria grega se impõe, a Turquia responde com a deportação dos cidadãos gregos que moram no continente. Ainda hoje, o norte da ilha é controlado militarmente pela Turquia, mesmo que tal controle não seja aceito pela comunidade internacional.

É nesse primeiro momento que o personagem principal, Fanis, no armazém de especiarias de propriedade do avô, começa a ser iniciado no conhecimento dos sabores dos temperos e no conhecimento dos dissabores. Além da deportação de Istambul, Fanis se-

para-se do avô, para jamais encontrá-lo, e da amada, Saime, cujo conhecimento e descoberta acabara de fazer. São as entradas na vida.

É notável, nesse momento, a relação de aprendizagem que o avô coloca na cabeça do neto Fanis, entre *gastronomia* e *astronomia*, ao dizer que a segunda palavra está contida na primeira. *Gáster*, em grego, é estômago (*stoma*, por sua vez, é boca...) e *áster*, é astro, estrela; *nómos* é lei. A aproximação lúdico-etimológica faz com que um termo esteja contido no outro, trocadilho que fica melhor em grego, pois o termo *gáster* só nos remete para a doença *gastrite*... Assim, a lei que rege os astros é semelhante a lei que rege a vida, em que o estômago predomina. Nessa relação, o avô começa a descrever o nosso sistema solar, colocando os planetas na ordem que conhecemos, a partir do sol. O Sol relaciona-se com a pimenta, pois assim como o sol vê tudo (conceito de Homero), é quente e queima, a pimenta combina com todas as comidas; Mercúrio, também quente, está relacionado com a pimenta vermelha em pó; Vênus é canela, doce e amarga, lembrando as mulheres, vez que Vênus era a deusa da beleza e do amor; a Terra é o sal, pois na terra encontra-se a vida; para viver precisamos de comida e o que torna a comida mais saborosa é o sal. Magnífico. O menino não só aprenderá a cozinhar, como também, posteriormente, tornar-se-á um astrônomo respeitado.

O clímax desse momento começa com a panela de pressão que o tio Emílios, o comandante do navio, traz para a família. Viajando o mundo, esse tio era o responsável por todas as novidades, inclusive as políticas. A panela explode, em um almoço de família e o tempo ferve nas conversas do banho turco, com a novidade das relações cada vez mais instáveis entre turcos e gregos. A família é deportada em 1961.

Em 1964, já em Atenas, começa a segunda parte do filme, *os pratos principais* - *ta kúria piáta*. Fanis pas-

sa pela difícil adaptação na escola, desenvolve o seu amor pela cozinha, sente a falta do avô que nunca vem, passa pelo golpe militar grego de 1967, com a sua integração ao grupo de escoteiros, para aprender o patriotismo, e conhece o amor com as prostitutas. A invasão turca à ilha de Chipre, para controle da parte norte, é o momento crucial, afastando cada vez mais Fanis do avô e da amada, levando-o a um duro aprendizado: os pratos principais fortalecem o corpo e são essenciais para o fortalecimento do espírito. A vida não se resume a fruir os sabores, mas a aprender a assimilar os dissabores.

A terceira parte do filme, as sobremesas, *ta gluka*, retoma o tempo presente do personagem Fanis com sua volta à Turquia, para ver o avô que adoecera gravemente. O reencontro com a amada, Saime, no enterro do avô, agora casada com uma filha e com um casamento instável, traz-lhe a possibilidade de ficar na Turquia, dando aula, e de retomar o amor de infância, mesmo Saime casada com um médico do exército.

É a despedida de ambos na estação de Istambul, que abre a brecha para o retempero da vida. O fato de a filha de Saime olhar para trás, na hora da partida do trem, é um promessa de que as duas pontas da vida poderão ser atadas, daí o final belíssimo com Fanis reconstruindo o sistema solar como seu avô lhe ensinara, no antigo armazém fechado, a partir de um sopro que levanta a poeira da mesa e espalha os condimentos e os grãos, numa metáfora da reconstrução do seu próprio universo: tempero, cozinha, amor e os astros. Afinal, a mesma lei (*nómos*) que rege o estômago (*gáster*), rege os astros (*áster*), lei que dá sentido e sabor à vida. A sobremesa é sempre um opção e uma possibilidade. Mesmo deixando de ser tomada, poderá ser recuperada a qualquer hora. E como diz o termo grego, *ta gluka*, sempre doce. ■

Professor da UFPB

Quando o regional simboliza o universal

Antônio Torres

Começamos pela divisão regional do território brasileiro, o que tem sido um quebra-cabeça para os geógrafos, em suas necessidades de adequar aspectos fisiográficos e sócio-econômicos a critérios administrativos. Como sabemos todos, o Brasil está dividido em cinco regiões: Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. Mas também sabemos que nem sempre foi assim. Tanto que as necessidades e critérios dos geógrafos e planejadores os levaram a reposicionar o lugar em que o autor destas linhas nasceu.

Era um povoado do sertão baiano, que se chamava Junco. Depois virou cidade, com o nome de Sátiro Dias. Quando me dei por gente neste mundo, aprendi que aquele lugar ficava no Leste do país. Já não vivia mais lá quando Sátiro Dias passou a ser do Nordeste, o que sempre foi, é e sempre será, para quem se criou aos eflúvios dos alecrins e à sombra das cazeiras, dos umbuzeiros, das quixabeiras, e sendo chamado de mô fio, na terna linguagem tabaroa do velho povo de uma Bahia à margem da República do Dendê e do Império do Acarajé.

O reagrupamento dos nossos estados, em tempos relativamente recentes, corrigiu distorções classificatórias como a que levou

uma professora chamada Teresa a ensinar a este seu aluno que a região Leste do Brasil ia de Sergipe, ali pertinho de nós, até o longínquo Rio de Janeiro. O ensinamento era seguido por outro, de um modo bem prático, em relação aos pontos cardeais: bastava ele, aquele seu aluno, postar-se ao raiar do dia de frente para o Sol, que nascia no Leste, para ter às suas costas o Poente, ou seja, o Oeste, onde o Sol desapareceria para os lados de Goiás e Mato Grosso, sumindo do Brasil para nascer no Japão, de onde tinha vindo. Postado assim, no sentido Leste-Oeste, o Norte ficaria no lado do seu braço esquerdo, e o Sul, do direito.

E então, à noite, e à luz de um candeeiro, meus dedos percorriam um mapa de inimagináveis acidentes geográficos, do Oiapoque ao Chuí. Depois ia dormir. Para sonhar com o mar. E aí já por influência não do Atlas, mas da Seleta Escolar, o livro que tínhamos que ler em voz alta lá na Escola Rural de Sátiro Dias, como a professora exigia. Mais precisamente: os meus sonhos eram inspirados num texto antológico daquele livrinho, que começava assim: "Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia na fronde da carnaúba." ▶

► Era a descoberta de águas, faunas e floras nunca dantes vistas ou imaginadas. Imaginem o efeito disso para um menino nascido nos confins de uma região classificada como semi-árida, onde nem rio havia.

Passou-se isto num tempo em que o Brasil tinha 21 estados, 5 territórios e o distrito federal, que era a cidade do Rio de Janeiro. Quer dizer, muito antes da construção de Brasília e de passarmos a ter 26 estados em 5 macro-regiões. Hoje, as professoras Teresas terão que encher suas cabeças com mais os números das subdivisões dos estados: 558 micro-regiões e 157 meso-regiões.

Deixemos essa elementariedade numérica para os livros de Geografia. E passemos ao terreno da reflexão das letras. É nele, porém, que vamos pisar no chão firme de um território regional onde surgiu o Regionalismo, dicionarizado – na acepção que aqui nos interessa –, como o “caráter do texto literário que se baseia em costumes e tradições regionais, e que tem como uma de suas características o uso de linguagens locais.” Definição insatisfatória para o ex-aluno da professora Teresa que, em seus anos mais vulneráveis e juvenis leu tudo o que lhe caiu nas mãos de Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, chegando ao ponto final do *Fogo Morto* exclamando: “Deve ser um livro como este o que se chama de uma obra-prima!”

A insatisfação com os dicionaristas se deve ao fato de que todos eles, na simplificação ou limite de espaço de seus verbetes, reduzem a abrangência e significação de uma poderosa vertente literária fundamentada num programa com critérios éticos e estéticos, a partir de uma realidade concretamente demarcada no espaço e no tempo, tendo como ideário a busca da “exatidão daguerreotípica,” em seu esforço de interpretação da paisagem física e contingências sociais, e da psicologia do homem e suas circunstâncias, ou seja, dos embates hu-

“Cheguei ao ponto final do *Fogo Morto* (de José Lins do Rego)

exclamando: ‘Deve ser um livro como este o que se chama de uma obra-prima!’”.

manos em face da natureza. E tudo isso sem prejuízo da fabulação, o que rima com imaginação. Para qualquer escritor de qualquer tempo ou lugar de qualquer região do planeta, a imaginação é a solução.

Diferentemente dos geógrafos e planejadores em suas tortuosas idas e vindas para montar o mais corretamente possível o tabuleiro geo-político das macro, meso e micro regiões do país, os pensadores literários sempre palmilharam em solo seguro para mapear o espaço regional que se tornou marca e patente do Regionalismo: o nosso Nordeste velho de guerra - e de letras. A convicção com que se afirma isto aqui encontra respaldo à página 298 do segundo volume de Formação da Literatura Brasileira, do insigne professor Antonio Cândido, na qual se lê:

“A unidade política, preservada às vezes por circunstâncias quase miraculosas, pode fazer esquecer a diversidade que presidiu à formação e desenvolvimento da nossa cultura. A colonização se processou em núcleos separados, praticamente isolados entre si: o desenvolvimento econômico e a evolução social foram, assim, bastante heterogêneos, consideradas as diferentes regiões. Um historiador contemporâneo, Alfredo Ellis Júnior, se recusa a falar em Colônia, ou Brasil Colônia, acentuan-

do o fato, assinalado desde Handelman e fecundado por João Ribeiro, de que houve na América não uma, senão várias Colônias portuguesas. Trazendo a idéia para o terreno literário, Viana Moog procurou interpretar a nossa literatura em função das que chamou ‘ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas,’ caracterizada cada uma pelo seu genius loci particular.

Comprovante desta idéia engenhosa, e em parte verdadeira, é sem dúvida o caso do Nordeste, que se destaca na geografia, na história e na cultura brasileira com impressionante autonomia e nitidez. Desta autonomia derivou bem cedo um sentimento regionalista que encontra expressão típica na Confederação do Equador, tentativa, à maneira da República de Piratinin, de dar expressão política à referida diversidade e que, se falhou no terreno político, persistiu teimosamente no plano da inteligência. A literatura e a oratória tornaram-se, com efeito, a forma preferencial daquela região velha e ilustre de exprimir a sua consciência e dar estilo à sua cultura intelectual, que antecedeu e por muito tempo superou a do resto do país.”

Na página seguinte desse seu notável ensaio, Antonio Cândido aponta três elementos que, em proporções variáveis, constituem a principal argamassa do regionalismo literário nordestino: “Primeiro, o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região, marcando o ritmo da sua história pela famosa ‘intercadência’ de Euclides da Cunha. Em seguida, o que se poderia chamar de patriotismo regional, orgulhoso das guerras holandesas, do velho patriarcado açucareiro, das rebeliões nativas. Finalmente, a disposição polêmica de reivindicar a preeminência do Norte, reputado mais brasileiro...”

É dentro desse arcabouço que se destaca, em pleno século dezanove, o cearense Franklin Távora, que entra na historiografia literária como o fundador do ro- ►

► mance regionalista, não com o seu primeiro livro, *Os Índios do Jaguaribe*, de 1862, mas com a publicação, em 1869, de *Um Casamento no Arrabalde*, ao qual se seguiram *O Cabeleira* (1869), *O Matuto* (1876), *O Sacrifício* (1879), *Lourenço* (1881), além de dois trabalhos históricos sobre a Guerra dos Mascates e a Revolução de 1817, que ele destruiu antes de morrer.

Franklin Távora - é ainda Antonio Cândido quem nos ensina isso - foi o primeiro romancista do Nordeste que, com suas histórias de senhores rurais e suas guerras de cana de açúcar, competição entre grupos rivais - fazendeiros e comerciantes -, descrição da paisagem econômica, das roças, fabrico de farinha, currais, festas joaninas, e tudo o mais que marcou a presença do homem na região, "abriu caminho a uma linhagem ilustre, culminada pela geração de 1930, mais de meio século depois das suas tentativas, reforçadas a meio caminho pelo baiano fluminense d' *Os Sertões*."

Com toda probabilidade, a "ilustre linhagem" de 30 não só superou Franklin Távora literariamente: o soterrou. No entanto, historicamente ele foi o pioneiro que teve o mérito de apresentar um ideal de boa literatura: as sensações do eu e do não eu, o que fundamentava como o discernimento simultâneo, por parte do escritor, da psicologia e do meio ambiente. Por todas essas razões, o mestre Antonio Cândido o considera "o modesto precursor do agudo senso ecológico de Gilberto Freyre ou, no romance, de José Lins do Rego e Graciliano Ramos."

"Se Franklin Távora foi o precursor do ciclo de 30, o pai de todos nós, porém, foi José Américo de Almeida," diria Jorge Amado. "Não há como discordar de você, Jorge," lhe responderia o venerado - em seu tempo, pelo menos -, crítico literário Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, aproveitando a deixa para contar a seguinte história:

"De vez em quando relembro uma viagem de trem, do Rio para Petrópolis, ao lado de Carlos Del-



Rachel de Queiroz, autora de *O Quinze*

gado de Carvalho. Estávamos em 1928 e ainda eu no batente da crítica militante. Mostrei-lhe um livro, com capa rajada de branco e vermelho, incrível, dizendo-lhe: 'Triste destino dos críticos, terem de engolir estas xaropadas.' Não eram passados dois minutos e já lhe dizia: 'Parece que já não é mau.' E ao fim de umas vinte páginas estava conquistado pela Bagaceira, que realmente abria um novo capítulo na história de nossas letras modernas."

Eis aí o paraibano José Américo de Almeida confirmado, numa perspectiva moderna, como o pai de todos aqueles que, do Ceará - onde, em 1930, Rachel de Queiroz, com a publicação de *O Quinze*, delimita o extremo Norte do território literário regional -, à Bahia de Jorge Amado, viriam a se constituir na tropa de choque nordestina que iria mapear a região com muito mais propriedade do que os cartógrafos, tanto quanto despertariam as consciências nacionais e de boa parte do mundo para o quadro social deplorável da velha e ilustre região ainda ignota para os próprios brasileiros, principalmente os do Sul, onde o país se desenvolvia às expensas de uma considerável parte da Federação. Mas, sabemos todos, não foi só o conteúdo ideológico, digamos assim, das obras desses escrito-

res nordestinos, o que atingiu em cheio corações e mentes, a começar pelos críticos mais ciosos de sua função reveladora de talentos emergentes. Se os cenários, as temáticas, os personagens carregados de comovedores dramas humanos, trazidos à luz por aqueles romancistas, arrebatavam espíritos sensíveis, a forma com que eles teciam os seus relatos os surpreendia. Além disso, todos tinham preocupações semelhantes e discursos ficcionais diferenciados, cada um com o seu próprio estilo, suas próprias concepções romanescas.

Surgidos na esteira do Modernismo dos anos de 1920, quando Mário de Andrade pugnava por uma escrita que levasse em conta as incorreções da fala brasileira, e Oswald de Andrade dava o seu grito de independência dos modelos importados da Europa, com sua boutade "Tupi or not tupi," e assim conclamava o país à antropofagia cultural, os escritores nordestinos do ciclo de 30 têm a seu crédito a revelação do grande potencial literário do Português do Brasil, com sua expressividade oral de extração popular. (Graciliano Ramos, o admirável estilista, chegou a confessar que tinha sempre dois trabalhos: primeiro, o de escrever de acordo com a norma lusitana; depois, o de reescrever tudo para abrigar o seu texto).

Tão relevante quanto isto é o fato de que os escritores nordestinos de 30 produziram uma literatura neo-realista que entraria em sintonia com a de norte-americanos como John Steinbeck (o de *As Vinhas da Ira*) e Erskine Caldwell (o de *Estrada do Tabaco*), e dos italianos Elio Vittorini, Carlo Levi, Alberto Moravia, Cesare Pavese, Italo Calvino (o Calvino de *O Atalho do Ninho de Aranha*), esses também intérpretes de um mundo ultrajado, cuja ambiência e dramas históricos seriam revelados amplamente através dos filmes de Roberto Rossellini, Vittorio de Sica e Lucchino Visconti. Além disso, os nossos regionalistas iriam influenciar escritores portu-

► gueses como, por exemplo, o Alves Redol de *Barranco de Cegos*.

Eis aí quando o regional simboliza o universal: a partir mesmo da sua inserção num espaço mais geral da América e da Europa. Nossos autores regionais aqui em pauta foram traduzidos pelo mundo afora. Como estamos cansados de saber, Jorge Amado foi o mais popular, tanto no âmbito interno quanto no externo, pelo tempero baiano dos seus textos, pela picardia de seus personagens - de que o *Quincas Berro d'Água* exemplifica à perfeição -, sem esquecermos a sua galeria de tipos humanos os mais variados, truculentos senhores do cacau com seus exércitos de jagunços, adoráveis vagabundos, prostitutas apaixonáveis, que perpassam suas páginas impregnadas de violência e sensualidade, de exótica sedução. Aos demais, em termos de circulação internacional, caberia um espaço respeitável - o que não é pouco -, no universo da crítica, dos letrados abertos às experiências de países periféricos, incluindo-se nesse segmento o meio acadêmico - e, neste caso específico, aqui dentro como lá fora, sobreleva-se a figura de Graciliano Ramos. Assim como a daquele mineiro que, no dizer da professora Vânia Pinheiro Chaves, da Universidade Clássica de Lisboa, veio a acrescentar novas facetas à temática regionalista, ao introduzir nos dados realistas, locais e epocais, um plano simbólico de caráter universal e atemporal. Seu nome: João Guimarães Rosa. E este foi como um rio largo e profundo no qual o regionalismo desaguou. Ou por outra: o que fez o São Francisco - o rio brasileiro da unidade nacional - se encostar no Mississipi, na fronteira do condado imaginário de Yoknapatawpha, lá no Sul profundo da América do Norte, onde William Faulkner fundou um território mítico e nele inscreveu sua legenda.

Feito esse indispensável registro, voltemos aos romancistas de 30.

No princípio, eles eram modernos. Depois, se tornaram clássi-

cos, portanto, eternos. (Comprovam-no três fatos. 1.: A Editora José Olympio acaba de lançar a septuagésima oitava edição de *O Quinze*. 2.: Também neste ano de 2004, *Menino de Engenho* chegou a 87 edições. 3. *Vidas Secas* foi um pouco mais adiante, ao atingir a nonagésima edição, ultrapassando a marca de um milhão e quinhentos mil exemplares vendidos, e só pela Editora Record, que o pegou já com 35 edições, em 1975.

Mas se a nossa querida Rachel foi bafejada pelo sucesso de público ainda em vida, contando com a sorte de ter vivido muito para ver isso, e Zé Lins não viveu o bastante para acompanhar a progressão do seu êxito, pois nos deixou aos 57 anos, Graciliano Ramos, enquanto viveu, e com todo o impacto que provocou em seu tempo, foi o menos considerado pelos leitores. Ele contabilizou tão somente três edições de *Vidas Secas*, em modestíssimas tiragens de mil exemplares cada uma. A eternidade desse seu livro pode até levar o velho Graça a suspirar, lá no Além, cheio de vontade de tomar uma cachacinha e pitar um cigarrinho sem filtro, para confabular consigo mesmo sobre as ironias do destino, do seu destino.

E já que Graciliano Ramos é um caso exemplar do regionalista que o tempo consagra cada vez mais, contemos agora um episódio que confirma a sua universalidade. Em 1999, o modesto escriba que ora vos fala foi convidado para fazer um circuito de palestras na Holanda e Bélgica (Antuérpia), e também para participar do júri do Festival de Cinema de Roterdã, que naquele ano indicaria os melhores filmes latino-americanos do século 20. O regulamento era muito simples: cada jurado escolhia um filme e justificava a sua escolha num texto de 10 linhas, que podia ser enviado por e-mail. E bastava uma única indicação para o filme entrar na seleção.

O meu voto foi para *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos. Jus-

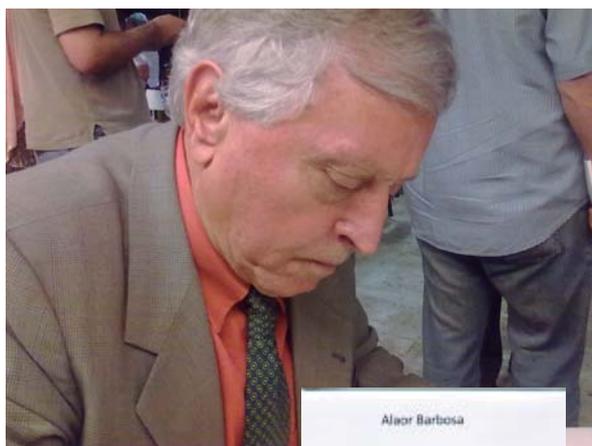
tifiquei-o argumentando que se tratava de uma magistral adaptação de um clássico da literatura, que gerou um clássico do cinema. Pouco depois, ao chegar a Roterdã para uma palestra no Palácio do Festival, fui informado de que o Brasil havia sido o único país a ter três filmes na lista dos melhores do século. Os outros dois foram: *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, ambos de Glauber Rocha. Naquele dia mesmo, durante o jantar, o diretor do Festival me disse: "Que bom que você escolheu o *Vidas Secas*. Teria sido uma grande injustiça se este filme não figurasse nessa seleção." Como sabemos todos, *Vidas Secas*, o filme, é Graciliano Ramos em imagens. Alguém aqui seria capaz de não incluir o seu romance entre os melhores do século?

Para terminar: o tema desta palestra, "Quando o regional simboliza o universal", pode levar a expectativas mercadológicas, tão imperativas nesta era globalizada, de voracidade numérica, quando a quantidade simboliza a qualidade. Mas não. A universalidade de uma obra literária depende de fatores como originalidade, abrangência, significação, transcendência ao meio em que se originou, valor de permanência. E é isso, em maior ou menor grau, o que a história literária atribui aos romancistas nordestinos de 30. Estamos falando de valores intangíveis, aos quais se inclui a sorte do escritor em chegar a tanto e ter o seu trabalho reconhecido como tal. Para aqueles que ainda buscam nas letras a realização de um sonho de arte e beleza, ainda que se sentindo como uns cegos no meio do tiroteio universal, ou como uns zumbis martirizados do tempo, ergo o meu crânio coroadado com dois versos do poeta português Alexandre O'Neill, um amigo de toda uma vida:

Folha de terra ou papel,
tudo é viver, escrever. ✦

Escritor

Um autêntico romance de formação



Ronaldo Cagiano

A

reconstituição da experiência pessoal na literatura tem sido a obsessão de muitos escritores e na íntima necessidade de se realizar uma catarse de seus testemunhos de vida, culminam num profundo mergulho existencial. Típica formatação narrativa, que pormenoriza todo um período histórico não só da vida de um personagem, como do próprio autor, essa vertente literária, caudalosa e instigante, delinea o toda a vivência (moral, geográfica, estética, psicológica, social e política), ultrapassando a fronteira da própria literatura, para inscrever-se em documento testemunhal de uma geração. Assim é o sentimento que perpassa o leitor pela íntima viagem nas páginas de *Vasto Mundo*, o romance-cachalote de Alaor Barbosa, que alia o primor narrativo a uma visão drummond-bandeiriana do mundo.

Se “a literatura, como toda arte, é a confissão de que a vida não basta”, como vislumbrou Fernando Pessoa, a transfiguração da realidade e a tentativa de entendê-la tem sido a preocupação literária desse autor, cuja obra está a merecer o verdadeiro lugar na nossa

Em *Vasto Mundo*, Alaor Barbosa alia o primor narrativo a uma visão drummond-bandeiriana no mundo



bibliografia. Nascido em Morrinhos e há cerca de três décadas radicado em Brasília, autor de numerosa e premiada obra, que inclui ficção, ensaio e crítica, iniciou sua carreira como jornalista no Rio de Janeiro, trabalhando no extinto *Jornal do Brasil*, nos áureos tempos do *Suplemento Dominical*, do qual foi colaborador. Forçado, pelas circunstâncias políticas da época, a um retorno às suas raízes no Brasil central, abandonou o jornalismo para dedicar-se à advocacia. Nesse exílio involuntário, inicia sua carreira literária, na qual o homem e a geografia do cerrado constituem sua matéria primordial, sem abandonar a consciência de uma reflexão crítica sobre o País e o mundo em seus livros.

Desde sua estreia com *A Espantosa Realidade* (1964), passando por *A Morte de Cornélio Tabajara* (Prêmio Cora Co-

Alaor Barbosa
escreveu um típico
"romance de
formação"



► ralina 1997) até *Eu, Peter Porfírio, o Maioral* - livro que recebeu Menção Especial no Prêmio Leya de Literatura, publicado em Portugal em 2008, recebido com entusiasmo por Pepetela -, são mais de vinte títulos, aí incluindo ensaios sobre a obra de Monteiro Lobato e Guimarães Rosa, autores sobre os quais também vem se dedicando com grande afincio desde a juventude.

Sua trajetória agora se robustece com a publicação de *Vasto mundo*, vencedor do Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete-2008, obra que também traça um painel sincero da vida brasileira. Nessa densa narrativa estão presentes elementos memorialísticos e invenção, com ressonâncias da tragédia social, humana e política das últimas décadas. *Vasto Mundo* consiste numa epifania, em que autor e personagem se fundem numa relação ética e estética entre dois mundos, o vivido e o criado, conferindo à história individual e coletiva uma inflexão crítica e uma oportunidade de catarse e apaziguamento. Na voz de Rafael Santoro Noronha, personagem que frequenta toda a bibliografia de Alaor Barbosa, e que se estabelece como um alterego do autor, um vasto mundo de acontecimentos íntimos e ambiências trágicas vai se delineando, espelho fiel da trajetória de um homem e da vida do próprio país e do mundo.

A exemplo da Macondo, de

A trajetória de Alaor se robustece com a publicação de *Vasto Mundo*, vencedor do Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete e que traça um painel sincero da vida brasileira.

García-Máquez; da Komala, de Juan Rulfo; da Santa Rita, de Autran Dourado; da Yoknapatawata, de Faulkner; ou da Santa María, de Onetti, Alaor criou a mítica Imbaúbas, cidade típica do interior goiano, de onde (re)colhe rico material para sua prosa. *Vasto mundo* atravessa tempos geográficos, cronológicos, históricos e psicológicos, biografando alguém que deixa a vida sem ênfase dos grotões para fixar-se no Rio em busca de crescimento intelectual e realização literária, assumindo pretensões de um dia ganhar o prêmio Nobel. Rafael Noronha metaforiza as perplexidades, desafios, dramas, frustrações, lutas e dilemas de qualquer indivíduo e as pretensões de um escritor *in progress*, simbolizando

as metamorfoses por que passam o homem e o País.

O autor extrapola o mero registro da vida de um protagonista atormentado e desejoso de ascensão, em combate idealista e utópico com esse estranho e canino mundo, para instaurar uma obra de investigação sobre o Brasil. Rafael passa em revista às mazelas do seu tempo, pontuando sua recusa ao apequenamento e à falta de perspectivas da vida medíocre, provinciana e alienada do interior.

Vasto Mundo é um típico romance de formação, obra caudalosa e torrencial, cuja arquitetura e dicção peculiares reverberam a linguagem da gente comum e tange em questões universais da natureza humana, extraindo a delicada poesia do cotidiano, dos cenários, dos costumes e das relações, apreendendo as contradições, paradoxos e possibilidades do homem.

Alaor Barbosa constroi uma literatura sintonizada com as demandas psicológicas, as angústias e a crueza da realidade contemporânea e universal. E como Machado de Assis, em "Dom Casmurro", também compreendeu que "só há um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem o mal". E é com um vasto sentimento do mundo, percorrendo os caminhos e descaminhos de Rafael, que Alaor faz uma expedição à verdade, como diria Kafka sobre o papel da genuína literatura.

Várias décadas de dedicação a um projeto literário de envergadura, agora coroado por mais um romance de fôlego, mergulhando na realidade íntima e nas aventuras e desventuras do personagem Rafael Noronha, dão a Alaor um lugar de destaque na bibliografia nacional, ainda que não lhe tenham feito justiça a crítica vigente nos grandes jornais, por culpa e obra de uma criminosa negligência e um imperdoável silêncio da mídia hegemônica e monopolista do grande eixo cultural. ■

Escritor



Da enxada ao computador

Fernando Antônio de Vasconcelos

Aderbal é oriundo da cidade de Itaporanga, localizada no interior do Estado da Paraíba. Mora com a família em João Pessoa há vários anos. Apesar dos seus sessenta e cinco anos, depois de um esforço tremendo, comprou um apartamento no bairro de Manaíra, área chique da cidade, a fim de garantir a estabilidade dos três filhos, todos estudantes à época. Janaina hoje é

enfermeira; Abílio, médico e José Flávio, advogado.

Aderbal, a mulher e os filhos formam, se é assim que se pode chamar, uma família realizada. Seu salário razoável de funcionário federal, somado ao de Janaina (enfermeira de um hospital privado) e do estágio de Abílio em um hospital particular, dá para todas as despesas, e ainda sobra. ▶

► Proprietário rural na região sertaneja, orgulha-se de ter formado todos os filhos:

- É tudo doutor. Tem um médico, um advogado e uma enfermeira.

Mas algumas coisas que acontecem na modernidade deixam Aderbal aperreado: o computador, a televisão e o celular. O fato é que Aderbal, com sessenta e cinco anos, escolaridade primária, não se acostumou ainda com essa estória de computador, celular e controle remoto. Outro dia, escutou dois de seus filhos falando em google, orkut, internet. Não se conteve:

- Isso que vocês estão falando aí é inglês ou alemão?

- Não, papai, é a linguagem da internet. É o mundo virtual, explicou o advogado.

Daí passaram a falar em geração google, *net generation*, nativos digitais e muitos outros nomes próprios do mundo pré-internet e da linguagem virtual. Dizia o médico:

- Apesar do sucesso do rótulo, a ideia de que a geração google tem facilidades especiais para lidar com a informação virtual não passa de mito. O outro interveio, afirmando que o uso da internet é superficial, promíscuo, rápido e que as respostas encontradas por ferramentas de busca têm pouca credibilidade. Aderbal a tudo ouvia, mas nada entendia. O advogado, preocupado, explicou:

- Papai, geração google representa os jovens nascidos depois de 1993. São as pessoas que usam computador e internet. Não é possível generalizar as crenças sobre habilidades da geração google. Até a ideia de que jovens gastam mais tempo *on-line* do que os mais velhos foi relativizada.

- Mas foram detectadas tendências preocupantes, disse o médico. A sociedade está emburrecendo. As pessoas passam os olhos por títulos, índices e resumos vorazmente, sem uma leitura real. E o comportamento ultrapassa a barreira da idade. Até professores, que supostamente teriam meios mais sofisticados para buscar e analisar informações, mostram as mesmas tendências.

“A sociedade está emburrecendo. As pessoas passam os olhos por títulos, índices e resumos vorazmente, sem uma leitura real.”

- É mesmo problemática a primazia do google em atividades acadêmicas. A arquitetura dessa ferramenta privilegia páginas mais citadas na internet, e essa relevância nem sempre é real, enfatizou Abílio.

- Alunos não sabem distinguir um *site* de artigos acadêmicos do “blog do Joãozinho”. Falta juízo de valor. Contudo, essa tendência não surgiu com a internet. Era tão diferente quando pesquisávamos nas enciclopédias, esclareceu a enfermeira.

Ouvindo a expressão “enciclopédia”, Aderbal se animou:

- Vocês estão falando daquelas enciclopédias bem grandes, de vinte ou mais livros?

- É papai! Mas a enciclopédia moderna cabe na palma da mão, num *chip* ou num *pen drive*.

- Vão para o diabo que os carregue com essa linguagem. Essa geração de vocês já está nas profundezas do inferno. E saiu, batendo a porta.

Josué, sobrinho de Aderbal, morava com a família. Viera do sertão para estudar na capital. A professora pedira a Josué que providenciasse a compra de alguns apetrechos tecnológicos, pois a escola estava entrando na era da cibernética. Como os filhos estavam sempre muito ocupados, Aderbal foi o encarregado das compras e levou a lista no bolso.

Ao chegar à primeira loja, tirou o papel do bolso, conferiu a

anotação e perguntou à balconista:

- Moça, vocês têm *pen drive*?

- Temos, sim. De quantos *gigas*?

- Primeiro eu gostaria de saber o que é *pen drive*. Pode me esclarecer?

- Bom, seu Aderbal, *pen drive* é um aparelho no qual o senhor salva tudo o que tem no computador.

- Ah, como um disquete...

- Não. No *pen drive* o senhor pode salvar textos, imagens e filmes. O disquete, que nem existe mais, só salva texto.

- Ah, tá bom, vou querer.

- De quantos *gigas*?

- Hein?

- De quantos *gigas bites*?

- Minha filha, não sei o que é isso. Eu queria um pequeno, que dê para levar no bolso, sem fazer muito volume.

- Todos são pequenos, senhor. Quanto ao tamanho, depende da quantidade de coisas que ele pode arquivar. Neste caso, o melhor é levar o maior. A sua entrada é USB?

- Como?

- É que, para acoplar o *pen* no computador, tem que ter uma entrada compatível.

- USB não é a potência do ar-condicionado?

- Não, aquilo é BTU. USB é assim ó, com dentinhos que se encaixam nos buraquinhos do computador. O outro tipo é este, o P2, mais tradicional. O senhor só tem que enfiar o pino no buraco redondo.

- Que coisa! Bem, não sei o que fazer. Acho melhor perguntar ao meu sobrinho. Acontece que meu celular é novo, tem tanta coisa nele que ainda não aprendi a discar.

- Deixe-me ver, seu Aderbal. Poxa, um *smartphone*! Este é bom mesmo: tem *bluetooth*, *woofle*, *brufle*, *trifle*, banda larga, teclado *touchpad*, câmera fotográfica, filmadora, rádio AM/FM, dá pra mandar e receber e-mail, torpedo direcional, micro-ondas e conexão *wireless*.

- Micro-ondas? Dá para cozinhar nele?

- Não senhor, assim o senhor me faz rir. Já vi que o senhor não

▶entende nada mesmo. Seu *chip* é de qual operadora?

- E o meu celular tem *chip*?

- Com certeza, senhor. Ligue aqui.

- Oi, Josué, é o titio. Diga-me, filho, o seu *pen drive* é de quantos *gigas*? Ótimo. E tem outra coisa: nossa conexão é USB? É? Que loucura! Então tá, estou comprando teu aparelhinho. Mais tarde levo para casa.

- Que idade tem seu sobrinho? Perguntou a balconista.

- Vai fazer onze no próximo mês.

- Que gracinha... Por que o senhor não leva logo um *Ipad* para ele?

Aderbal fez ouvidos de mercador e foi embora.

Saindo da loja, dirigiu-se ao shopping, que ficava nas proximidades. Mariana, ascensorista de um dos elevadores do Shopping das Acácias, não entendeu quando seu Aderbal, frequentador assíduo daquele conjunto comercial, entrou no elevador, todo sorridente, olhando para cima, como a procurar algo. Mariana não se conteve:

- Seu Aderbal, o dia parece que amanheceu bom para o senhor, não é?

- Claro, minha filha! Todos os dias para mim são bons, principalmente, quando venho ao shopping, compro o jornal do dia e tomo aquele cafezinho.

- Mas, seu Aderbal, o que o senhor tanto procura aí em cima?

- Estou procurando a câmera de filmagem. Alias, não estou vendo aqui no elevador aquela plaquinha existente em quase todas as lojas. Aquela que diz: "Sorria! Você está sendo filmado!"

Foi uma gargalhada geral por parte dos demais "passageiros" do elevador. Apesar de alguns acharem ridículo aquele aviso que anda espalhado por aí, é raro as pessoas não encararem as câmeras.

Aderbal desceu no piso desejado, fez a caminhada costumeira e dirigiu-se a mais uma loja de eletrônicos. Estava à procura de uma capa para o seu celular. Entrou sorridente na loja. A moça o atendeu bem, mas Aderbal conti-



nuava procurando no teto da loja e nas paredes. A vendedora não se conteve:

- Mas, senhor, o que tanto procura aí em cima?

- Câmeras, minha filha! Câmeras que fazem a gente sorrir.

- Mas o senhor não entrou aqui todo sorridente?

- Sim, mas é que, quando tem a câmera, sempre há aquele cartaz pedindo para a gente sorrir, pois está sendo filmado.

- Mas, câmera aqui é o que não falta. Veja só: uma, duas, três...

Aderbal não se conteve e deu uma boa gargalhada. Sentia-se em casa. Agora havia câmeras por todos os lados. Comprou a capa, pagou e saiu da loja todo faceiro. Passou na lanchonete, tomou um café, comprou um jornal e uma revista para o sobrinho. Em seguida, entrou no elevador e desceu para o piso de garagem denominado G2. Qual não foi sua surpresa quando, ao tentar abrir o carro, este já se encontrava aberto. Levaram o som e alguns documentos. Desta feita, Aderbal chorou, mas antes procurou para ver se havia câmeras nas proximidades...

Cansado, Aderbal se dirigiu ao edifício onde morava. No prédio há dois elevadores. São pequenos, mas velozes. Como Aderbal mora no 22.º andar, geralmente conversa com quase todos os moradores que utilizam o elevador. Devido à sua origem interiorana, quando

entra alguém no elevador, Aderbal puxa conversa.

Era uma sexta-feira, início do Carnaval. Dez e meia da noite. Aderbal, sua mulher e Zé Flávio chegavam ao prédio mortos de cansados, pois acabavam de visitar parentes no Conjunto Valentina Figueiredo. Esperando também o elevador, uma jovem de aproximadamente vinte e dois anos. Celular pregado na orelha, não dava atenção a ninguém. Aderbal lhe deu boa-noite, a moça não respondeu. Ao contrário, aumentou o volume da voz:

- Olha, Márcia, não deu pra pegar o abadá. Queria que você visse a fila...

Aderbal virou para Zé, já meio agoniado:

- Zé, que diabo é abadá?

- Pai, é aquela vestimenta que a gente usa nos blocos.

A moça não parava de falar. Citou vários nomes de colegas que também iriam à festa, falou do namorado (um banana, minha filha!). E o sertanejo doido para conversar. O elevador chegou, ele pensou: agora essa danadinha vai desligar esse troço. Tô doido para fazer umas perguntinhas a ela.

Mal a porta do elevador se fechou, Zé Flávio apertou no botão do andar 22. Aderbal já se preparava para perguntar alguma coisa à jovem, quando foi literalmente abalroado por ela, que marcou o n.º 19. E continuava falando:

- Minha filha, esse bloco vai ser ▶

um arraso! Imagina que ninguém menos do que a Ivete Sangalo vai puxar o nosso bloco! Vai ser um arrastão daqueles.

Ao ouvir a expressão “arrastão”, Aderbal pensou logo em assalto. Queria perguntar isso à moça do celular, mas esta não parava de falar.

Vendo a ansiedade do pai, Zé piscou o olho para ele, mas o sinal foi entendido errado. Aderbal pegou no braço da moça:

- Minha filha, o que é...

- Márcia, um momentinho, pois tem um velho enxerido aqui no elevador pegando no meu braço.

Aderbal ficou lívido. Deu vontade de dar umas palmadas naquela sem-vergonha. Mas o filho e sua mulher o acalmaram. Nisso, o elevador para no piso 19 e a moça do celular faz menção de sair. Aderbal toma-lhe o aparelho celular, desliga-o e entrega a ela, dizendo:

- Tome aqui, sua mal-educada! Elevador não é lugar de se ficar falando ao celular. Sou pobre, sou sertanejo, mas tenho educação.

Dessa vez, quem ficou lívida foi a moça do celular. Tentou balbuciar algumas palavras, mas a porta do elevador foi fechada e lá se foi ela sem saber nem o nome do condômino inoportuno. E o pior, seu celular ficara mudo...

Chegando ao apartamento, Aderbal pergunta ao filho:

- Zé, diga-me uma coisa: você não acha que as pessoas estão ficando meio malucas com essa história de Internet e celular?

- Que nada, pai, respondeu Zé Flávio. O senhor não sabe da miséria um terço. Pois não é que Sara, nossa vizinha e seu marido Adão, conheceram-se e iniciaram uma relação na internet! Apesar de casados há uns três anos, nunca deixaram a mania de viver teclando no computador, confidenciando problemas que tinham em seus casamentos. Entre uma coincidência e outra, Adão estreitou relações com uma mulher e Sara com um homem. Ambos estavam convencidos de terem finalmente encontrado sua alma gêmea.

- Conta, Zé! Dizia o pai animado.

- Pois é. Depois de muitos pa-

pos e juras de amor, marcaram um encontro real para se conhecerem. O encontro seria na Praça de Alimentação do Shopping Novo Horizonte. Adão chegou primeiro, pediu um chope. De repente, quem vai passando pelo local? Sua mulher Sara. Adão empalideceu. Olhou para o outro lado, disfarçando. Sara deu meia volta, pois, com certeza, também teria visto o marido. Os minutos passavam e nada! Lá vem Sara de novo. Adão não se aguentou e se dirigiu à mulher.

Perguntaram-se mutuamente o que faziam ali. Responderam quase ao mesmo tempo: “um encontro marcado aqui no shopping”. Só que não era entre os dois. O encontro era com pessoas diferentes, conhecidas nas rodas de bate-papo na internet. A decepção foi total quando descobriram a verdade. E dali mesmo telefonaram para um advogado e o divórcio foi preparado.

- Eu não digo a vocês que essa internet é coisa do diabo? Vociferou Aderbal.

Abílio, o médico, que escutara parte da conversa, provocou o pai:

- Papai, o senhor ainda não viu nada! Estava de plantão no hospital quando um colega me disse que um site americano está publicando segredos enviados por pessoas de todo o mundo. Criado por um sociólogo americano, o “Post a Secret” está aberto a revelações de toda natureza. Que-

Apesar de casados há uns três anos, nunca deixaram a mania de viver teclando no computador, confidenciando problemas.

rendo compartilhar “segredos inconfessáveis”, milhares de pessoas vão aos correios e enviam suas intimidades - medos, angústias, vergonhas - em formato de cartão-postal.

- Isso é sem-vergonhice, disparou Aderbal.

- Não, papai, esclareceu Abílio. É que, depois da internet, as pessoas estão descobrindo um mundo novo, procurando identificação própria. Se o psicanalista veio substituir o padre de antigamente, o *blog* veio substituir as antigas formas de confissão.

- Olhe, vocês só falam grego nesta casa. Que diabos é isso de *site*, *blog*?

- Depois lhe explico, respondeu Abílio. Vamos tomar café.

Nisso chega a sobrinha do casal, Helena, bastante aflita. Após cumprimentar os tios e os primos, contou que estava no escritório quando recebeu a primeira mensagem de alguém que se dizia amiga e enviara um *e-mail* com o título sugestivo: “eu te avisei”. O texto alertava o seguinte: seu marido vai fazer uma festinha com amigos em uma boate na praia de Tambaú. O *e-mail* dava até o nome da casa de prostituição, na qual o marido de Helena iria se divertir.

- Olha, pessoal, a curiosidade me fez enviar correspondência para a mulher. Depois de muitas informações trocadas, notei que boa parte das denúncias era mentirosa e reagiu. Resultado: a “amiga” passou a escrever para Roberto, meu marido, contando supostos romances meus, já depois de casada.

- Continue, Helena! Pediu a tia.

- Só depois de uns quatro meses, percebemos que éramos vítimas de um ataque. O autor dos *e-mails* passou, então, a escrever aos amigos e parentes da gente, pondo a nossa vida em discussão na internet. Roberto procurou a polícia. O delegado abriu inquérito e apurou que o criminoso, que era conhecido do casal, fez tudo aquilo para separá-los.

- Que coisa, heim, Helena? Observou a prima Janaína.

- A cada história que vocês me contam, acho que tenho mais razão ainda, disparou Aderbal. O

governo tem que acabar com essa tal de internet.

- Não é por aí, papai. Contestou Abílio.

- Acho que tá todo mundo ficando doido, disse Aderbal. Pois não é que Janaína, na semana passada, esqueceu o celular em casa e, apavorada, voltou correndo para buscá-lo?

- Isso é besteira, papai. Retrucou Janaína. Minha colega envia *e-mail* ou MSN para conversar com a pessoa que trabalha na mesa ao lado da sua. E Zé Flávio, que levanta pela manhã e liga o computador antes de tomar o café ou até mesmo antes de escovar os dentes?

- Por isso, não! Rebateu Helena. Hoje, a maioria das piadas é contada por e-mail. E o mais interessante é que as pessoas riem sozinhas... Tem um colega meu que fala o nome da firma onde trabalha quando atende ao telefone celular em casa ou em qualquer outro lugar.

Aderbal a tudo ouvia, perplexo. Quando ia dizendo "no meu tempo...", foi interrompido bruscamente.

- E nossa vizinha Clara? Lembrou Janaína. Ela quer se comunicar conosco por *e-mail*. Não seria muito mais fácil bater na nossa porta! Quando o computador ou o celular dela deixa de funcionar, sua vida perde o sentido. Pela gravidade da situação, parece que foi seu coração que parou.

Todos riram, menos Aderbal. Nisso chega seu compadre Cícero, que era também da roça, mas tinha instrução. Dono de fazendas de gado no Estado do Maranhão, lidava com a internet facilmente. De tanto acessar a Rede, Cícero, já com 58 anos, resolveu procurar uma amizade mais estreita. Já ouvira falar de muitos casos de relacionamentos, de namoros e até de casamentos. Resolveu arriscar.

- Meus amigos, depois de meses de relacionamento pela internet com uma moça de Goiás, preparei-me e fui ao encontro dela, que me parecia de família. Comprei passagem aérea, preparei as melhores roupas, comprei presentes e decolei em busca da noi-

va. Ao chegar a Goiânia, uma surpresa: virei refém.

Todos se entreolharam, mudos de espanto. Cícero contou que, chegando ao aeroporto da capital goiana, tomou um táxi e no percurso foi sequestrado:

- Não morri por milagre. Ao descer no aeroporto e procurar um táxi, fui recepcionado por homens que se diziam parentes de Natássia (era assim que ela se identificava na internet). Mas, logo descobri que eram bandidos. Levaram-me para um apartamento, tiraram minha roupa e apontaram um revólver para minha cabeça, ameaçando cortar meus membros com um facão.

- Que coisa! Continue, Cícero! Pediu um dos presentes.

- Minha sorte foi que alguns parentes deram o alarme quando começaram a receber estranhos *e-mails* pedindo dinheiro. Então, as autoridades policiais dos dois Estados decidiram criar também uma armadilha, persuadindo os sequestradores de que o seqüestrado poderia pegar o dinheiro do resgate na agência do Banco do Brasil de Goiânia. Foi lá que a polícia me resgatou.

O clima ficou pesado na sala do apartamento de Aderbal e família. Parecia a todos que Aderbal, com sua ojeriza à internet e celular, era o único que tinha razão. Essa loucura tecnológica da vida moderna, realmente, estava deixando muita gente bastante estressada. José Flávio, o advogado, quebrou o gelo:

- Amigos, tem uma engraçada. Ocorreu na Comarca de Tubarão, Estado de Santa Catarina. Um advogado, dado como morto, disse que "retornou do além" para reassumir o patrocínio de uma causa. Ali, uma viúva contratara o advogado Edgar Fernandes para patrocinar os interesses dos herdeiros em um inventário. Autuada a pretensão, foi homologada a partilha, expedindo-se o alvará e o formal de partilha. Os documentos foram pessoalmente retirados do cartório pelo advogado Edgar, seguindo-se o arquivamento dos autos.

- E aí? Perguntou Helena.

- Curiosamente, algumas se-

manas depois, a inventariante retornou a juízo, desta feita, representada por outro advogado. Em petição, este noticiava o falecimento de seu colega Edgar, juntando novo instrumento procuratório. Alguns dias depois, Edgar peticionou em nome próprio, num tom que misturava seriedade e gozação: "retornando do além, na conformidade da petição juntada, na qual foi este requerente declarado morto, vem perante Vossa Excelência dizer que, para a infelicidade de poucos, mas para a felicidade de uma grande maioria, este advogado ainda continua vivo, ressuscitado pela internet".

Todos riram, menos Aderbal. Aquelas estórias faziam mal ao seu coração e à sua índole de sertanejo semianalfabeto. Após uma pequena pausa, desabafou:

- Vejam vocês! A cada história contada mais me convenço de que este mundo está muito mais maluco do que o mundo de antigamente. Vocês todos vão ficar doidos com toda essa tecnologia.

- Que nada, papai! Questionou Abílio. Até o senhor vai se acostumar.

A reunião foi encerrada e o grupo se dispersou.

No dia seguinte, Janaina rece-





beu uma amiga, também enfermeira. Chamava-se Rosa, solteira e de bem com a vida. Nos finais de semana, sempre saíam juntas. Mas Aderbal não gostava nada daquela amizade. Achava a amiga da filha muito “saidinha”, mas a tratava muito bem.

- Entre, Rosa. Janaína chega já. Seja bem vinda.

- Obrigado, seu Aderbal.

Conversaram por mais de quinze minutos. Aderbal estava sempre por perto. Fazia que não escutava a conversa das duas, mas prestava atenção a tudo. Rosa falou:

- Janaína, usar celular por mais de uma hora ao dia pode danificar a audição?

- O quê?

- Escuta, minha amiga, deu no jornal que as pessoas que usam muito o telefone celular podem ficar surdas, entendeu?

- Virge Nossa Senhora! Retrucou Janaína. Quer dizer que não podemos mais usar celular?

- Não é isso, esclareceu Rosa. Em um estudo realizado, não sei onde, foram analisadas cem pessoas que usaram seus celulares por mais de uma hora por dia durante quatro anos. Os pesquisadores observaram que os participantes começaram a confundir sons de alta frequência, como os de palavras que se iniciam com as letras **s**, **f**, **t** e **z**.

Janaína passa cerca de seis horas por dia ao celular. Daí, a preocupação da amiga Rosa:

- Minha amiga, os danos foram verificados principalmente no ouvido direito, onde a maioria das pessoas costuma usar o telefone.

- Então, Rosa, vai todo mundo ficar surdo?

- Também não é assim, Janaína. O jornal afirma que os usuários devem ficar alertas aos primeiros sintomas de que a audição pode estar sendo afetada, como o aquecimento e o entupimento dos ouvidos, além de zumbidos.

Não aguentando mais, Aderbal atacou:

- Minhas queridas, também ouvi falar que, lá em Campina Grande, um pesquisador descobriu que o celular torna os homens impotentes.

- Que coisa, pai! Rebateu Janaína. Já vem o senhor com essas invenções.

- Invenção uma pinoia! Insistiu o pai.

- Também ouvi falar, reforçou Rosa. Mas apenas aqueles homens que usam o celular no bolso dianteiro das calças.

- Virge Maria! Vou pedir logo ao João, meu namorado, que nunca mais use celular no bolso dianteiro! Afligi-se Janaína.

- É por isso que digo todo dia: celular também é coisa do cão! Alfine-tou Aderbal. E prosseguiu: - Ei, Rosa, Janaína diz que às vezes sente uns zumbidos no ouvido direito...

Aos domingos a família de Aderbal, vez ou outra, almoça no Shopping Novo Horizonte. No último domingo, estavam todos. Até alguns amigos da família se juntaram ao grupo. Um dos amigos de Abílio provocou:

- O que é que houve com o senhor, seu Aderbal, que está tão calado? Acabou a inspiração?

Aderbal ia responder, quando avistou um casal passeando, cada um com o seu celular ligado. Imaginou que fosse um casal, porque os dois estavam muito próximos, apesar de nenhuma comunicação entre eles. Só ao celular. Foram em direção ao banco, passaram novamente em frente ao cafezinho e seguiram adiante, cada um no seu mundo particular. Durante cerca de trinta minutos, os dois não desligaram o celular. Aderbal a tudo acompanhava, calado. Enquanto observava aquela cena, chegou o café. Então disse para o amigo do filho:

- Você tem razão, mas parece que apareceu a inspiração. Veja ali aquele casal. O amigo nada observara, mas falou:

- Isso é próprio do modernismo, seu Aderbal. Conheço um casal que, morando na mesma casa, comunica-se por e-mail...

Aderbal continuava a observar os transeuntes. Viu quando um rapaz que preparava o seu prato (era o sistema *self serv*) e, em momento algum, desgrudou do aparelho celular. Enquanto fazia o prato, falava bem alto ao celular, como se estivesse a resolver um assunto comercial importante. Aderbal ficou observando e pensando consigo: quero ver se na hora de pagar, ele não vai desligar o celular.

O rapaz, muito falante, bem ves-

tido, continuou empolgado com a conversa e, ao chegar ao caixa, confundiu a moça que o atendia. Esta, ao colocar o prato na balança, tentava perguntar ao rapaz a forma de pagamento, mas ele estava em outro mundo. Perguntou quanto pagaria (vinte e cinco reais – respondeu a moça do caixa). Mas o cliente nem tirava dinheiro, nem cartão de crédito. A fila parou, as pessoas começaram a reclamar, a moça do caixa perdeu a paciência e passou a atender outro cliente. Aderbal não aguentou, levantou-se e interpelou o rapaz:

- Você aí, seu moço, pensa que é dono do mundo?

O rapaz do celular ainda demonstrou um pouco para absorver o choque e ficou lívido. Após alguns segundos, conseguiu passar o cartão de crédito. Aderbal falou bem alto:

- Vamos para outro restaurante, meus filhos, que este está minado por celulares. Saíram dali, mesmo sob protestos de alguns membros da família. José Flávio chamou a atenção do pai:

- Papai, é praticamente impossível alguém querer controlar, nos dias de hoje, o uso do celular em lugares públicos. Principalmente, quando esse lugar é um shopping.

- Ora essa, meu filho. Sou matuto, mas tenho educação. Ponderou Aderbal.

Tentando manter o bom humor de todos (afinal era um domingo em família), Abílio pediu ao pai:

- Papai, conte aos meninos aquela história do celular no velório. Como vocês devem saber, em uma das casas especializadas em velórios na cidade existe lugar para várias cerimônias fúnebres. Dá para se velar, no mínimo, cerca de dez mortos por dia.

O pai não se fez de rogado:

- A maioria dos velórios é de pura tristeza. Noutras vezes, parece uma festa. Pessoas se abraçam, trocam beijos, tomam cafezinho, falam dos políticos, de futebol, contam piadas. Já observei, em determinada ocasião, que havia seis defuntos sendo velados por familiares e amigos e mais dois “na fila de espera”.

- Claro, seu Aderbal. Observou

- Vamos para outro restaurante, meus filhos, que este está minado por celulares.

- Papai, é praticamente impossível alguém querer controlar o uso do celular em lugares públicos.

o amigo do filho. Nesses velórios, aparecem pessoas inconvenientes, bêbados, loucos, alguns que falam muito alto, outros que choram compulsivamente.

- Pois, meus amigos, no mês passado, fui a uma dessas cerimônias. Dois jovens haviam falecido em decorrência de acidente automobilístico. Havia muita comoção. Alunos de uma universidade local choravam a perda de colegas tão jovens. Mas uma coisa me chamou a atenção: uma senhora, de aproximadamente sessenta anos, muito chorosa (devia ser parenta de um dos jovens falecidos), não parava de falar ao celular. E falava num tom que chamava a atenção de todos. Dizia ela: - Mas, Carminha, você precisa ver. Tão jovens. É um absurdo. Por que Deus não leva esses políticos corruptos, ao invés de jovens como esses, universitários, de bem com a vida?

- E caía num choro compulsivo, continuou Aderbal. Quando o aparelho celular dela não tocava, ela ligava para alguém. No meio de uma ave-maria puxada por uma senhora, o trim do celular soou de novo. Ela dizia: - Não, Maria, o enterro ainda não saiu. Estão esperando um parente de um dos jovens que vem de Paris. Coitadinho. Venha para cá. Olhe, meu celular não pára de tocar. A parentela toda está por aqui.

Aderbal continuou na narrativa: - A senhora que puxava a ave-maria se calou, esperando poder continuar, tão logo terminasse a

ligação telefônica. A mulher do celular fez outra ligação, bastante chorosa: - Chico, venha logo para cá, que daqui a pouco o padre chega para encomendar o corpo. Não, aqui só tem cafezinho e muita reza. A outra mulher tentava puxar a reza: - Ave-maria...”. A senhora do celular, já quase gritando, fez outra ligação para alguém. Falava, falava, falava...E muito alto. Incomodava a todos.

Todos estavam atentos ao desfecho da história. Aderbal percebia isso e se esmerava no tom de voz:

- Uma jovem, possivelmente integrante de algum movimento cristão, tentou conversar com ela, para dizer que o celular estava perturbando a cerimônia. A mulher explodiu - Quem é você para me mandar parar de telefonar! Olhe, minha filha, um dos rapazes mortos é meu parente. E eu estou me comunicando com a família. Estão todos desesperados. A moça ponderou pedindo que ela, pelo menos, falasse mais baixo. Parece que o apelo da jovem a tocou. Foram longos dez minutos sem a presença do celular. Várias ave-marias e padre-nossos foram rezados, uma ladainha foi entoada. De repente: trimmmmm... Era o celular da mulher tocando de novo. Antes que ela falasse, um dos rapazes presentes arrancou o celular das mãos, tirou o chip e colocou o aparelho dentro do caixão, bem perto da orelha de um dos mortos. A dona do celular desmaiou...

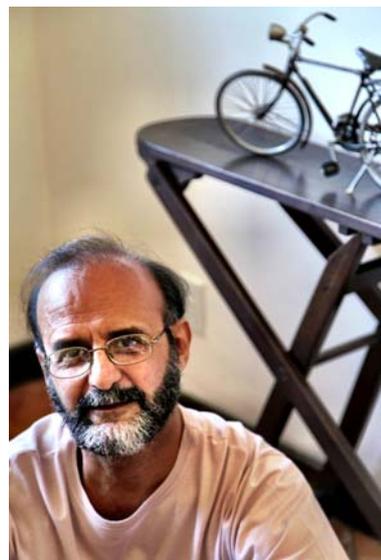
Alguns riram baixinho, outros ficaram emocionados. Aderbal, apesar de suas poucas letras, sentia no ar que havia impressionado o auditório. Levantando-se, falou bem alto:

- Quero que todos me escutem: o mundo ainda vai se acabar com essas geringonças inventadas pelo homem. Bom mesmo era no tempo das enxadas cultivando os roçados. Esses celulares, *chips*, *ipads* são coisas do demônio. Vocês vão ver como estou com a razão.



Professor, advogado e escritor

Um romance para Gabriel García Márquez



Francisco Azevedo, autor de
Doce Gabito

U *Doce Gabito*, o novo romance de Francisco Azevedo, une o escritor colombiano e prêmio Nobel de Literatura Gabriel García Márquez a uma jovem nascida em meio à turbulenta história recente brasileira. O livro, de acordo com as informações divulgadas pela Record, conta a fantasiosa história de Gabriela Garcia Marques, uma menina que após a morte dos pais na guerrilha do Araguaia vai para o Rio de Janeiro morar com o avô na favela Santa Marta. Numa noite de tempestade, um simpático senhor de fartos bigodes surge em seu sonho e a convence a sair do barraco que logo desaba tirando a vida do avô. Aparecendo sem avisar e com valiosos conselhos, o misterioso senhor bigodudo torna-se seu mentor e melhor amigo. Ao descobrir que seu nome é igual ao do consagrado Gabriel García Márquez e se deparar com uma foto do escritor — que ainda nasceu no mesmo dia que ela — Gabriela reconhece seu amigo bigodudo cujo apelido, para os íntimos, é Gabito. Sempre acompanhada por seu ilustre parceiro, Gabriela enfrenta com lirismo e vigor as várias reviravoltas de seu tortuoso destino.

“O que acontece comigo e Gabito e as pessoas ao nosso redor não é muito comum. Que seja visto como ficção, delírio, não me incomoda. A morte trágica de Florentino me dá total liberdade para me expor — o que confirma que, se formos ver, em tudo na vida há o lado bom”, explica Azevedo. Autor das peças *Unha e Carne* e *A Casa de Anais Nin*, sucessos de público e crítica, ele conseguiu, com *O Arroz de Palma*, o que poucos autores nacionais de ficção podem se orgulhar: Um absoluto reconhecimento dos leitores. Um boca a boca iniciado espontaneamente, que resultou em depoimentos emocionados, uma presença fortíssima na web, mais de 15 mil exemplares

vendidos. E que culminou na negociação com fortes editoras estrangeiras.

Finalista do prêmio São Paulo de Literatura, em 2013 o livro será publicado na Alemanha, nos Estados Unidos e na Itália, entre outros países. A expectativa em torno de seu segundo romance é, obviamente, enorme. E Azevedo não decepciona. Com a escrita lírica e delicada que o consagrou, consolida seu estilo numa nova história recheada de amores, paixões e ressentimentos. Intimidades descobertas e segredos revelados. Conflitos familiares, rivalidades que passam de uma geração a outra. Separações e reencontros emocionados. A força da amizade, o perdão. Sempre sonho e realidade. Sempre o inesperado. Em *Doce Gabito*, ele cria uma trama delicada, que envolve e, antes de mais nada, comove. Um romance mágico, mas extremamente enraizado na história recente do Brasil.

SOBRE O AUTOR

Dramaturgo, roteirista, poeta e ex-diplomata, Francisco José Alonso Vellozo Azevedo nasceu no Rio de Janeiro em 1951. Começou a se dedicar à literatura em 1967, quando venceu concurso promovido pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Além de livros e peças de teatro encenadas no Brasil e no exterior, escreveu para mais de 250 produções audiovisuais.

Serviço

Título: *Doce Gabito*

Autor: Francisco Azevedo

Editora: Record

Páginas: 464

Preço: R\$ 44,90



Ofício, poética e forma

Antes de se aventurar no caminho que lhe é apontado por uma *poética*, deve o artista avaliar se domina, de modo satisfatório, o seu *ofício*; o domínio do ofício é condição imprescindível à realização de uma obra de arte, à obtenção da *forma* cuja luz, dominando o informe da matéria sobre a qual se trabalha, identifica-se, na visão de Plotino, com a beleza. Muito embora seja uma condição de partida, o ofício, assim como a poética, não garante, porém, que o artista chegará ao lugar que deseja. O mistério da criação artística reside justamente no campo da *forma*, que não significa, na acepção que empregamos aqui, a perfeição exterior da obra, aquela espécie de “veste” do objeto artístico concebida por uma redutora e já ultrapassada “teoria do ornato”, mas sim, como bem afirmou Ariano Suassuna, em sua *Iniciação à Estética*, “o princípio ativo, profundo, determinante e enigmático do ser”.

O que estamos tentando fazer aqui, entenda-se, é separar, de modo artificial e grosseiro, apenas por uma questão de exposição didática, a própria criação artística, una e indivisível em sua natureza supralógica. Para tanto, as únicas ferramentas de trabalho que possuímos são as oferecidas pela Estética, e se as utilizamos, é sempre tendo em mente as palavras luminosas de Ortega y Gasset, que não cansamos de citar, sempre que nos surge uma oportunidade:

“Não há forma de aprisionar em um conceito a emoção do belo que foge pelas juntas, flui, liberta-se como os espíritos inferiores a quem o cultivador da magia negra tentava em vão caçar para prendê-lo no interior das redomas. Em estética sempre alguém esquece alguma coisa depois de fechar penosamente o baú, e é mister voltar a abrir e voltar a fechá-lo e, ao fim, começar de novo. Com uma peculiaridade: isso que havíamos esquecido é sempre o mais im-

portante” (*Adão no paraíso e outros ensaios de estética*, trad. de Ricardo Araújo, São Paulo, Cortez, 2002, p. 29).

Ao que parece, os antigos gregos, em suas reflexões sobre a arte, já possuíam preocupação semelhante, o que justificaria a utilização dos termos “*techné*”, “*poética*” e “*poiesis*”, ou seja, a arte como construção, conhecimento e expressão. O ofício, então, representaria a parte mais racional e mecânica da atividade artística (a arte como *um fazer*, “*techné*”), englobando tudo aquilo que se refere ao domínio das técnicas necessárias para o manuseio da matéria de um determinado gênero. Sem o domínio do ofício, não poderá o artista materializar, na obra, a sua intuição criadora, aquele sentimento-do-mundo que é somente seu e que ele quer dar a conhecer. Um escultor deverá saber, forçosamente, qual tipo de pedra ou madeira é mais apropriado para a escultura que pretende realizar; deverá saber manusear as ferramentas de corte, de polimento etc; o pintor precisará dominar a teoria das cores, a mistura das tintas e o manuseio dos pincéis; ambos, escultor e pintor, deverão dominar, e bem, as técnicas do desenho, imprescindível para os seus estudos e esboços; o escritor, por sua vez, precisará dominar o idioma, para explorar, da melhor maneira possível, as potencialidades da língua, e assim por diante.

Quando investia contra os pintores modernos, em textos carregados de fina ironia, verve e bom humor, era sobretudo para a importância do ofício – tão menosprezado pelos seus contemporâneos, como, de resto, parece ser ainda hoje – que Salvador Dalí pretendia chamar a atenção; vejamos, por exemplo, esta passagem do seu *Diário de um gênio*: “Se vocês se recusarem a estudar a anatomia, a arte do desenho e da perspectiva, as matemáticas da estética e a ciência da

cor, devo dizer-lhes que isso é mais um sinal de preguiça do que de gênio” (tradução de Luis Marques e Martha Gambini, Rio, Paz e Terra, 1989, p. 83).

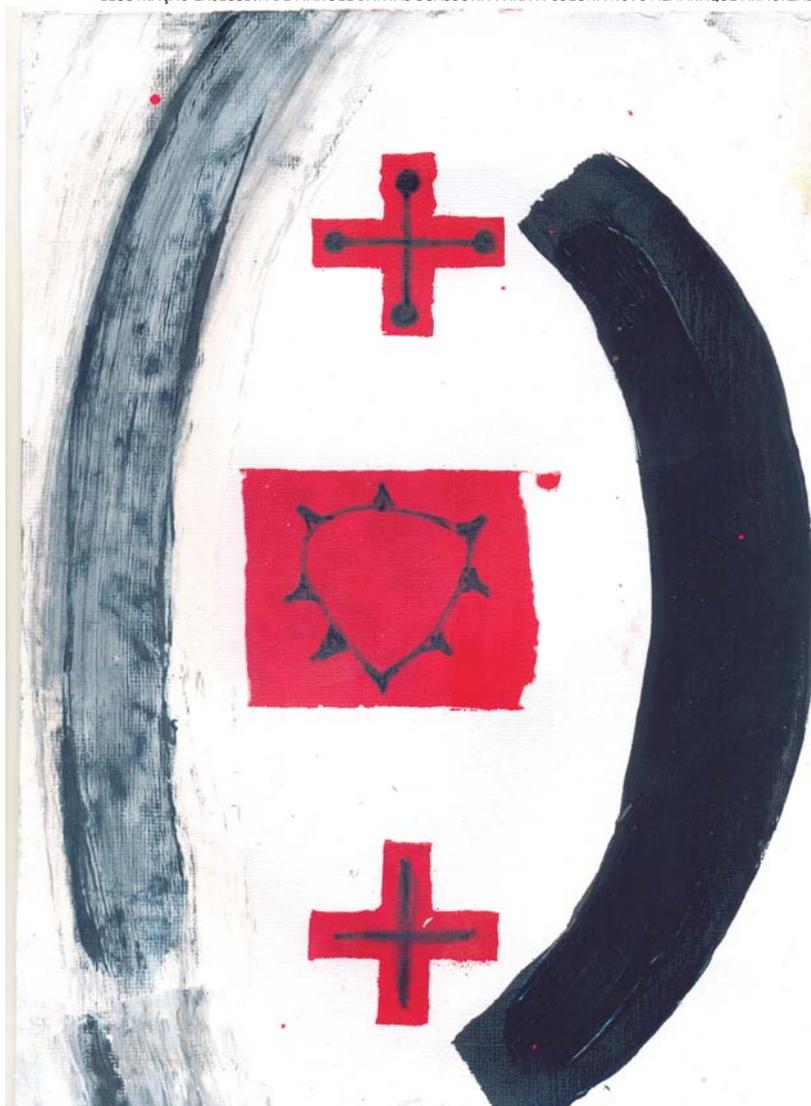
Ou esta outra:

“Comecem desenhando e pintando como os antigos mestres e depois poderão fazer o que bem entenderem – vocês serão sempre respeitados” (Idem).

Ora: um dos segredos da grandiosa obra de Picasso, revelado no admirável documentário dirigido por Henri-Georges Clouzot (*Le mystère Picasso*, França, 1956), reside sobretudo no domínio que Picasso possuía do seu ofício, na capacidade de desenhar e pintar como os antigos mestres e depois desconstruir a forma clássica à procura de uma nova forma, pintando por cima daquilo que, para ele, era tão-somente um esboço, um estudo ou uma matriz inicial do seu quadro. A forma clássica, assim, precedia, quase sempre, à deformação expressiva, como se pode ver, por exemplo, em uma das cenas de tauromaquia que pintou diante da câmara de Clouzot, quando um touro negro, realizado a princípio de modo *realista*, transforma-se, após algumas pinceladas, num touro *cubista*.

Se há, na arte, algo que seja ensinável, esse algo encontra-se, sem dúvida, no domínio do *ofício* e também no da *poética*, cujo território encontra-se poucos passos à frente do território do ofício. O problema do que é ou não ensinável em arte não é novo, encontrando-se sempre na ordem do dia. Trata-se, portanto, de um problema filosófico, e sobre ele são excelentes as palavras do esteta português João José Cochofel:

“Em todo o mundo existem hoje escolas de pintura, escultura, música, arquitetura, teatro, bailado, e nalguns países mesmo de literatura, onde se ensina *como se faz arte*, ou, para uso de futuros historiadores, conhecedores e críticos, em que condições se faz arte. Nenhuma escola, todavia, pode ensinar *a fazer arte*. As escolas podem ensinar *como dominar os materi-*



ais com vista à expressão, não a expressão e o que exprimir, porque tal depende exclusivamente quer das disposições individuais, quer dos estímulos e solicitações do meio” (*Iniciação estética*, 3 ed., Publicações Europa-América, s.d., p. 63).

“A expressão”, portanto, pertence ao misterioso território da *forma*, cuja distância, em relação aos territórios do ofício e da poética, é incomensurável. As regras, agora, de nada valem. O domínio da forma requer o enfrentamento de um território inóspito, uma espécie de “Liso do Suçuarão” que se apresenta diante de todos os artistas, mas que só os grandes (pactários ou não) conseguirão, um dia, atravessar. ✦

Carlos Newton Júnior é professor da Universidade Federal de Pernambuco, poeta e ensaísta

O que nos ensinam os antigos?

“Uma nova chance de conhecer personalidades capazes de resgatar a humanidade perdida”. Eis como os editores do selo Difel anunciaram, no Brasil, o lançamento do livro *Um passeio pela Antiguidade: Na Companhia de Sócrates, Epicuro, Sêneca e outros Pensadores*, do filósofo francês Roger-Pol Droit.

Em um trecho do livro, Roger-Pol Droit afirma que, nas relações dos contemporâneos com os antigos, notadamente há duas ou três gerações, algo se rompeu, deixando para trás um legado que havia sido transmitido, mesmo que precariamente, há dois milênios e meio. “Nos anos 1960, ainda se ensinava o que fora ensinado aos jovens gregos da Antiguidade, aos jovens romanos do Império, aos estudantes da Idade Média e aos do Iluminismo. Entretanto, sabe-se disso cada vez menos”, acentua.

Para o pensador, o acesso per-



Partenon, em Atenas

manente ao conhecimento dos antigos é um exercício que cabe, hoje, apenas a especialistas em vias de extinção. “Tais especialistas são competentes, inovadores — não há dúvida disso. Atualmente, são até capazes de descobertas que nos séculos passados nem sequer se poderia imaginar. A pesquisa também progride nesse domínio. Mas a questão está em outro lu-

gar: no afastamento vertiginoso que hoje se cavou entre os tesouros dos Antigos e o comum dos mortais”, destaca.

Segundo Droit, como as mudanças atuais tendem a obscurecer as sociedades, as reuniões com pensadores da Antiguidade precisam crescer. “Nessas viagens ao passado está, em grande parte, nosso futuro”, ressalta.

SOBRE O AUTOR

Roger-Pol Droit é filósofo e pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), com o tema História das Doutrinas da Antiguidade, e leciona na Sciences-Po.

Serviço

Título: Um Passeio pela Antiguidade

Autor: Roger-Pol Droit

Tradução: Nicolás Nyimi

Campanário

Editora: Difel (selo da Bertrand Brasil)

Páginas: 196

Preço: R\$ 29

◆ rodapé — ponto de vista crítico

Rinaldo de Fernandes
rinaldofernandes@uol.com.br

Antologias de contos: Quem faz? Que critérios utiliza?(3)



Na coletânea *Obras-primas do conto brasileiro*, lançada em 1966 pela Livraria Martins Editora (SP), com seleção, introdução e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro, os organizadores se basearam em enquete realizada pela *Revista acadêmica*, do Rio de Janeiro, para escolher os dez “maiores” contos brasileiros. Ampliaram a enquete da revista e reuniram 28 contos na coletânea. Os organizadores começam na “Introdução” discutindo o problema do que seja a identidade da literatura brasileira.

Àquela altura – constatam – a nossa literatura já afastara “completamente” a influência portuguesa, e a influência francesa seguia “o mesmo caminho”. O Brasil já podendo naquele momento, portanto, “apresentar ao mundo uma literatura que se ainda não é integralmente original, já é essencialmente brasileira”. A literatura “essencialmente brasileira”, segundo os organizadores da coletânea, é aquela que põe “em relevo aspectos não só sociais, como psicológicos, peculiarmente brasileiros”. E ainda: esses as-

pectos são “vistos por olhos de brasileiros”, que “se expressam num idioma que conta inúmeras singularidades – um idioma mais elástico e macio, que dispõe de sugestivo vocabulário e que de certo ponto de vista, já não é mais nem inteiramente português, nem tupi, nem de Angola”. A nossa literatura, assim, já possuiria “todos os predicados que Voltaire exigia de uma literatura para esta se tornar a ‘alma da raça’”.

Escritor, crítico literário e professor da UFPA

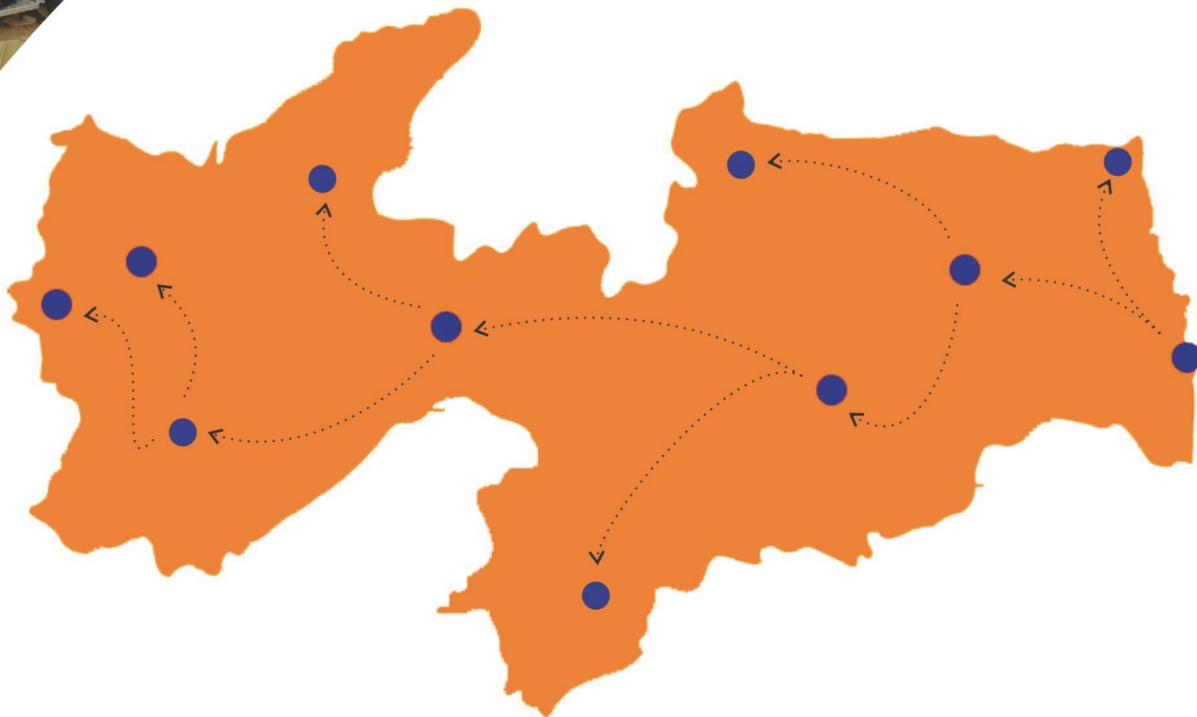


SESC

Paraíba

SOLIDARIEDADE

na mesa de
quem precisa



Odonto **SESC**

Saúde, segurança e educação em higiene bucal sobre rodas